

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM INDÚSTRIAS CRIATIVAS

ANTONIO MARINHO DO NASCIMENTO

LOURO DO PAJEÚ
UMA PLATAFORMA DIGITAL DE MEMÓRIA E CONTEMPORANEIDADE
POÉTICA

RECIFE – PE

2020

ANTONIO MARINHO DO NASCIMENTO

LOURO DO PAJEÚ

**UMA PLATAFORMA DIGITAL DE MEMÓRIA E CONTEMPORANEIDADE
POÉTICA**

Relatório técnico para apresentação
do produto à banca do Mestrado profissional
em Indústrias Criativas, da Universidade
Católica de Pernambuco (UNICAP), como
exigência para obtenção do grau de Mestre
em Indústrias Criativas.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Figueirôa Ferreira

RECIFE – PE

2020

FOLHA DE APROVAÇÃO

ANTONIO MARINHO DO NASCIMENTO

LOURO DO PAJEÚ

UMA PLATAFORMA DIGITAL DE MEMÓRIA E CONTEMPORANEIDADE
POÉTICA

Trabalho de Conclusão do Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Indústrias Criativas – Mestrado Profissional da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Indústrias Criativas.

Data de Aprovação - 27/ 04 / 2020

BANCA EXAMINADORA



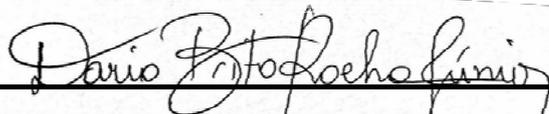
Prof. Dr. Alexandre Figueirôa Ferreira (Orientador e Presidente da Banca)

Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP



Prof. Dr. Urbano Nobre Nojosa (Titular Externo)

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)



Prof. Dr. Dario Brito Rocha Júnior (Titular Interno)

Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP

RECIFE

2020

A Pai Louro, por ser quem é.

A Mãe Nena, por ser tudo.

AGRADECIMENTOS

A meu pai, Zeto, por “fazer andar minhas palavras”. (*in memoriam*)

À minha mãe, Bia Marinho, por cuidar de mim e de meu filho, enquanto estudo.

À minha companheira, Renata Rabelo, por ser metade de cada passo que dou.

A meu filho, José Antonio, por me mostrar a dimensão real que o amor tem.

À poesia, por ter se colocado entre mim e o todo.

A gratidão é a memória da humildade.

Obrigado sempre.

O cantador repentista
Em todo ponto de vista
Tem que ser um grande artista
De fina imaginação
Para dar sustento à arte
E ter nome em toda parte
Honrando o grande estandarte
Nos oito pés a quadrão.

Lourival Batista, o Louro do Pajeú.

RESUMO

A poesia popular é uma das grandes manifestações culturais do Nordeste do Brasil e está marcada intimamente no processo de formação antropológica nordestina, sendo decisiva na construção da identidade coletiva do povo, que a transformou em uma linguagem de alcance plural, usadas em diversas situações, inclusive na comunicação. A cidade de São José do Egito – PE, no Sertão do Pajeú, tem um protagonismo natural neste cenário e a figura de um dos seus poetas, Lourival Batista Patriota, o Louro do Pajeú, concentra uma grande representatividade e importância. Este relatório técnico trata da construção da plataforma digital *Louro do Pajeú*, espaço virtual que une comunicação, criatividade e tecnologia da computação e deseja integrar memória e contemporaneidade, concentrando de forma sistematizada e organizada o acervo de Lourival Batista e realizações dos novos nomes da cena poética da cidade e da região. Para tanto, a Escola Brasileira de Comunicação, nascida da teoria de Luiz Beltrão, e seus conceitos de folkcomunicação e folkcomunicador, foi usada como referência para reafirmar a capacidade comunicativa dessa literatura como vetor de distribuição e facilitação cognitiva de informação, conhecimento, entretenimento e conteúdos em geral. As novas ideias de acervo, trazidas por nomes como Alckmar Luiz dos Santos, Marisa Lajolo, Maria da Glória Bordini, Raquel Mattes e Viviane Tessitore, considerando a revolução das tecnologias digitais, a partir de conceitos como ciberespaço, hipertexto, hiperlink e transmídia, orientaram a organização da pesquisa histórica e documental e a concepção de como as informações serão dispostas, conectadas, organizadas e gratuitamente disponibilizadas na página. A adequação do produto ao conceito de indústrias criativas, como as definiram Howkins, Bessi, Bendassoli, Wood Jr, Jenkins e outros, foi perseguida, como forma de integrá-lo ao cenário digital da atual economia da criatividade e aos novos modos de produção, trabalho e comunicação, redimensionados no começo deste século pela sociedade do conhecimento.

Palavras-chave: Folkcomunicação; Poesia popular; São José do Egito; Louro do Pajeú; Instituto Lourival Batista; Acervo literário;

ABSTRACT

Popular poetry is one of the great cultural manifestations of the Northeast of Brazil and it is intimately marked in the process of anthropological formation in the Northeast, being decisive in the construction of the collective identity of the people, which transformed it into a language of plural scope, used in several situations, including in communication. The city of São José do Egito - PE, in the Sertão do Pajeú, has a natural role in this scenario and the figure of one of its poets, Lourival Batista Patriota, Louro do Pajeú, concentrates a great representativeness and importance. This technical report deals with the construction of the Louro do Pajeú digital platform, a virtual space that unites communication, creativity and computer technology and wishes to integrate memory and contemporaneity, concentrating in a systematic and organized way the collection of Lourival Batista and achievements of the new names of the poetic scene city and region. To this end, the Brazilian School of Communication, born from the theory of Luiz Beltrão, and its concepts of folkcommunication and folkcommunicator, was used as a reference to reaffirm the communicative capacity of this literature as a vector of distribution and cognitive facilitation of information,

knowledge, entertainment and content generally. The new collection ideas, brought by names like Alckmar Luiz dos Santos, Marisa Lajolo, Maria da Glória Bordini, Raquel Mattes and Viviane Tessitore, considering the revolution of digital technologies, from concepts such as cyberspace, hypertext, hyperlink and transmedia, guided the organization of historical and documentary research and the conception of how the information will be arranged, connected, organized and freely available on the page. The adequacy of the product to the concept of creative industries, as defined by Howkins, Bessi, Bendassoli, Wood Jr, Jenkins and others, was pursued, as a way of integrating it into the digital scenery of the current economy of creativity and new ways of production, work and communication, resized at the beginning of this century by the knowledge society.

Keywords: Folkcommunication; Popular poetry; São José do Egito; Louro do Pajeú; Lourival Batista Institute; Literary collection;

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 A CONTRIBUIÇÃO DE CADA DISCIPLINA	12
2 A FORÇA COMUNICATIVA DA POESIA POPULAR.	
FOLKCOMUNICAÇÃO ORAL NO NORDESTE	19
2.1 Introdução	19
2.2 Comunicação e Folkcomunicação	20
2.3 Folkcomunicação	21
2.4 Que poesia popular?	27
2.4.1 Cantoria de viola / cantador (a)	30
2.4.2 Embolada / embolador (a)	31
2.4.3 Literatura de cordel / cordelista	32
2.4.4 Poesia de bancada / poeta-declamador (a)	35
2.5 Conclusão	35
3 O ACERVO DE LOURO DO PAJEÚ. A EXPERIÊNCIA DO ILB	39
3.1 Introdução	39
3.2 Acervo literário	41
3.3 Louro do Pajeú e o Instituto Lourival Batista	44
3.4 O acervo do ILB. Conexões e possibilidades	48
3.5 Conclusão	52
4 O PRODUTO	54
5 CRONOGRAMA, ACERTOS E DESENCONTROS	64
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
7 REFERÊNCIAS	69
8 ANEXOS	73

INTRODUÇÃO

“Para iludir minha desgraça, estudo.”

Augusto dos Anjos

No ano de 2007, depois de assumir a função de coordenador de cultura popular e pesquisa na FUNDARPE - Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco, eu ouvi falar a primeira vez do termo indústrias criativas, em uma reunião de diretrizes. De imediato percebi que aquele conceito, muito novo em seu dimensionamento, tinha íntima relação com o meu trabalho e com a história da minha cidade e da minha família. Há cinco gerações, o trabalho com a poesia, a palavra oral improvisada dos poetas populares é o ofício principal dos meus ancestrais. Entendi também que esta nova ideia poderia ser a abordagem que faltava ao mundo dos saberes populares para que estes se retirassem autonomamente do lugar pitoresco onde sempre foram esquecidos pelos meios de produção e informação e explorassem todo o seu potencial social, político, cultural e econômico. As manifestações vindas do talento e da cultura popular podem mover arranjos e mercados produtivos ainda não devidamente explorados e capazes de gerar renda, emprego, bem-estar social, investimentos, melhoria de serviços, enfim, tudo o que empreendimentos materiais e físicos também geram, e com a vantagem de serem ecologicamente sustentáveis, politicamente participativos e culturalmente coletivos. Arte e cultura não são eventos ou festas, não somente isto.

De imediato identifiquei a poesia popular como uma potencial e próspera indústria criativa, que pode ser muito mais profundamente vivida e estruturada do que já é. Trazendo para minha vivência, na cidade de São José do Egito e na região do Sertão do Pajeú, em Pernambuco, lugares internacionalmente reconhecidos pela sua vivência poética profunda e ancestral, por exemplo, temos uma pluralidade de ações e empreendimentos culturais, públicos e privados, que ainda carecem de uma gestão coletiva, que ultrapasse instituições e cidades e transforme todo o capital intelectual humano e o talento poético de uma coletividade em objeto de pensamentos e práticas. Temos muitas realizações bem-sucedidas, mas elas ainda conversam pouco entre si. Quando elas fizerem isso certamente irão multiplicar tanto sua capacidade de ação

real no cenário sociocultural da região quanto sua legitimidade, pois contarão com uma representatividade mais plural e diversa.

Não é preciso uma nova instituição ser criada. As existentes podem agir em conjunto e se somarem às atitudes individuais de cada artista, institucionalizado ou não. Todos sairiam fortalecidos como classe social, voz política, setor profissional e cadeia produtiva. E esta visão, para mim mais que urgente no fortalecimento das estruturas já citadas, é exatamente a visão e a crença que o conceito de indústria criativa cria, incentiva, testa, prova e torna possível. Pensando nisto e em muitas outras coisas, em 2013, eu fundei, junto com minha família, o Instituto Lourival Batista – A casa do Repente (ILB), em São José do Egito, na casa onde viveu meu avô materno, Louro do Pajeú, um dos mais representativos nomes da cantoria de viola do Brasil. Uma instituição que, além de cuidar da preservação e gestão da obra do poeta que lhe dá nome, realiza diversas ações de cultura. Entre elas, a maior é a Festa de Louro, festival de poesia que acontece na primeira semana de janeiro desde 2012, comemorando o aniversário de Louro, nascido em seis de janeiro de 1915. O evento é realizado em frente à sede do instituto e já se transformou em marco e encontro de várias formas de poesia do Brasil e de outros países. Com iniciativas como esta desejamos contribuir para fomentar o debate que estas questões que foram postas acima instigam.

No final do ano de 2017 me inscrevi no segundo edital do curso do Mestrado Profissional em Indústrias Criativas, da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), no Recife, e fui estudar a bibliografia sugerida. Diante da novidade que era o tema, não só para mim, mas por ser um campo de conhecimento contando apenas vinte anos de uma teorização científica mais específica, senti a necessidade de conversar com alguém que me servisse inicialmente de bússola. Alguém que me ajudasse nesse primeiro contato com a matéria e que, se tudo se direcionasse da melhor forma, poderia ser também meu orientador num futuro trabalho de conclusão. Entre os textos, de gringos e brasileiros, me diverti bastante lendo um artigo sobre o cinema de Guel Arraes, assinado por Alexandre Figueirôa. Quando vi que o mesmo era professor da UNICAP entrei em contato e pedi uma ajuda. Gentilmente ele me recebeu e depois de ouvir um pedaço da minha história me propôs, como ideia inicial, já que o curso tem muita pertinência com tecnologias digitais e pode ter como trabalho de conclusão um produto, a elaboração de um site para o Instituto Lourival Batista.

Uma plataforma digital que colocasse em rede, de forma acessível e conectada com o ciberespaço (SANTOS, 2005), todo o acervo de Louro do Pajeú, o trabalho do Instituto Lourival Batista e as conexões e consequências que essas realizações estão alcançando e potencializando para a cena cultural da região. De imediato aceitei a ideia, e mesmo temendo minha ignorância com esses formatos digitais, aceitei entrar nesse mundo como desafio particular. Assim ficou decidido. Eu faria os textos que regimentalmente devem acompanhar o produto, quais sejam dois artigos científicos e um relatório descrevendo o processo de criação do site, entregando ao menos um primeiro desenho da plataforma digital criada para o instituto. Assim fiz meu pré-projeto, fui aprovado nas avaliações e comecei o curso. Nunca mudei de proposta e para minha alegria e honra o professor Alexandre Figueirôa, desde desse dia, nunca deixou de me orientar. Minha gratidão a ele pelo ensino e pela compreensão com todas as minhas circunstâncias.

Vale dizer que em pouco tempo o instituto se transformou em um dos ícones da plataforma *Louro do Pajeú*, diante do bom volume de informações colhidas no início da primeira etapa da pesquisa. Esclareço ainda que os itens 2 e 3 deste trabalho equivalem aos artigos científicos exigidos com requisitos de aprovação e serão eles os textos enviados para revistas e eventos científicos

1. A CONTRIBUIÇÃO DE CADA DISCIPLINA

Durante um ano eu cumpri os créditos de seis disciplinas, entre obrigatórias e eletivas, específicas do Mestrado em Indústrias Criativas e participei de dois seminários também da área. Cursei no segundo ano mais duas disciplinas do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, importantes contribuições para meus estudos, principalmente no entendimento sobre usos da língua e gêneros linguísticos. Cada uma a seu modo, de alguma forma, com mais ou menos intensidade e importância, teve uma implicação em meus textos ou em minha visão do produto. E quero aqui deixar uma palavra sobre cada uma delas.

Para minha alegria, a cadeira de introdução, Criatividade e Processos Criativos, onde recebemos as primeiras conceituações que formam a teoria geral das indústrias criativas, foi ministrada pelo meu já acertado orientador. Isto me fez de imediato, através de conversas frequentes com ele, começar a enxergar em meu trabalho alguns conceitos que eram dados inicialmente e a materializar situações e princípios abstratamente postos pelos textos lidos. Foi uma cadeira que realmente cumpriu sua função na introdução de uma visão geral, que nos trouxe estudos desde as ideias mais filosóficas de criatividade até a transformação dela em uma cadeia produtiva presente na economia global. Um panorama que pôde dar a cada aluno uma direção inicial, tanto teórica quanto prática, que apontasse para onde caminhará seu estudo. No meu caso, o artigo científico que foi feito como conclusão da cadeira dialogou, intimamente, com o cerne do que eu pretendia estudar e realizar. Fiz uma análise, através do processo criativo teorizado e categorizado por John Howkins (2013), da forma de criar (escrever) do poeta popular de bancada, especialmente em São José do Egito. O poeta que não improvisa, não é repentista, mas escreve e declama em vários estilos da poética popular. Foi muito enriquecedor e curioso enxergar algo que eu mesmo pratico, junto a outros tantos escritores e tantas escritoras do Sertão do Pajeú, mas de outro ângulo, com outra lente e pretendendo outra abordagem. Muito bom e desafiador, na medida em que muitas vezes tive que esquecer o poeta e tentar raciocinar como cientista. Foi um localizador na discussão, um primeiro norte, um primeiro enfoque na indústria criativa que é meu objeto, indo, como uma lente específica, como deseja o enquadramento acadêmico, ao momento crucial de sua existência, a hora da criação do poema popular.

Vale ressaltar que durante esta cadeira tivemos um seminário extra, fruto de uma parceria do Sebrae com o mestrado, sobre o método Design Sprint. De caráter prático, este workshop de três encontros nos propôs exercícios reais para a solução de problemas de maneira rápida, sustentável e criativa, num método praticado por grupos de criação de empresas como o Google e o Facebook.

Outro seminário que participei foi intitulado Economia Criativa: mercados, cultura e inovação, numa parceria com o Porto Digital. Acidentado e sem conclusão devido a questões de saúde da professora, sua contribuição foi a aproximação com os textos de Pierre Bourdieu, suas trocas simbólicas e o poder e a economia que giram ao redor dessas relações. De uma grande escola de pensamento, serviu para a minha vida e para minha capacidade crítica como um todo, mas também para discussões que perpassam o que quero apresentar como trabalho final.

A disciplina de Narrativas Transmidiáticas, ministrada por Dario Rocha, foi com certeza meu lugar de maior aprendizado. Em outras matérias eu sempre conhecia alguma coisa, mínima que fosse. Nesta eu realmente me sentia completamente iniciante. Nunca dominei muito bem as tecnologias digitais, seus meios, seus termos, suas possibilidades. Não acho isso virtude, apenas foi assim comigo. Sempre me ocupei de outras coisas e por vezes sinto o peso dessa ignorância que ainda tenho. Mas a cadeira me quebrou preconceitos, reposicionou paradigmas, me fez enxergar poesia naquelas conexões todas de linguagens, pessoas, saberes, informações, tecnologias e muito mais. A forte presença da arte em todas as aulas, a contemporaneidade dos objetos de estudo, que gera proximidade e domínio empírico, um lugar da ciência que discute Harry Potter, tudo isso me mostrou algo muito novo e instigante. Conceitos como hiperlink, hipertexto, transmídia e ciberespaço me fizeram inclusive rebatizar meu produto. Eu não faria um site. Isto parece algo estático, cercado, esperando visitas. Eu criaria uma força poética e digital, algo com corpo, conteúdo e forma, um lugar no tempo e na ação das pessoas, uma nuvem acessível de qualquer lugar do planeta, que não deve aguardar visitas, mas antes, deve ir até as pessoas e os lugares mais diversos, levando a força da poesia, através de conexões e possibilidades cada dia mais infundáveis pelos efeitos das tecnologias digitais.

Meu artigo de conclusão da disciplina também guardou íntima relação com meus trabalhos finais. Foi uma análise da Festa de Louro, em São José do Egito – PE, a partir das etapas de construção de um protótipo usando a metodologia do Design Thinking. A festa é a principal ação do Instituto Lourival Batista e consiste num festival de poesia que acontece desde 2012 na primeira semana de janeiro e comemora o aniversário de Louro do Pajeú, nascido em seis de janeiro de 1915. O evento tem sido um ponto de encontro de várias gerações de poetas do Brasil e outros países. O Design Thinking propõe uma nova forma de pensar, criar, produzir, realizar e promover produtos e ações dentro da emergente sociedade do conhecimento. A realização desse trabalho foi uma ótima experiência, pois me permitiu enxergar algo que faço, com o apoio e o trabalho de muita gente, de uma forma sistematizada, pensada, articulada e prática. Os conceitos trabalhados em aula e os estudos para o trabalho final me esclareceram o quanto a ideia de transmídia era e é central no meu produto, visto que este deseja ser um espaço que reúna diversas linguagens e possibilidades de interação. Como é algo que vai além do mestrado e eu desejo levar como missão de vida, a construção desse lugar virtual de intersecção entre ancestralidade e contemporaneidade poéticas, é, nada mais nada menos, que a construção de uma narrativa transmidiática.

A disciplina Design da Informação também foi muito positiva. Ministrada por João Guilherme e Breno Carvalho, para a visão geral do meu trabalho foi esclarecedora e alargou possibilidades. Embora tenha padecido da falta de continuidade, por feriados e imprevistos que dificultaram para mim uma concatenação maior do conteúdo, o que tirei de mais positivo para minha formação foi a melhoria na percepção do valor de outros tipos de linguagem. Sempre fui da fala e da escrita, da palavra, da língua, e o estudo de outras várias formas de discurso, código e suporte me enriqueceu e abriu meu campo semiótico. Eu tinha conhecimentos de muitas ideias postas pela cadeira, principalmente acerca de estética, mas a abordagem e a sistematização próprias da ciência dão uma possibilidade de crítica bem mais aguçada e mais uma vez acho que sai com menos equívocos do que entrei.

Aqui a conclusão foi um artigo sobre a violência contra a mulher em Pernambuco, tema sugerido pelo colega com quem trabalhei em dupla. O assunto, apesar de importante, não tem relação com meu trabalho, mas como o que mais valia para o aprendizado e para avaliação era o modo como as informações eram colocadas

para além do texto, com várias possibilidades visuais e modelos disponíveis, se tornou um exercício interessante para mim que anseio a mistura de linguagens e conteúdos em meu produto final.

Na matéria de Linguagens Audiovisuais, coordenada por Cláudio Bezerra, outra contribuição imensa para meu estudo. Depois de um volume generoso de leituras sobre as mais diversas escolas e matrizes das realizações audiovisuais em seus muitos modos mundo afora, trazendo sempre para a sala produtos reais, filmes, clipes, comerciais, anúncios, entre outros, a cadeira me deu a possibilidade de escolher uma matriz conceitual, no meu caso o documentário, para através dela analisar uma realização audiovisual onde a poesia fosse a linguagem majoritariamente usada. Escolhi o filme *O silêncio da noite é que tem sido testemunha das minhas amarguras* (2018), de Petrônio Lorena. Foi muito prazeroso escrever sobre esta obra e sobre a união de cinema com poesia. Para além do artigo, ficaram muitas referências de formas de fazer e registrar fatos, situações e vivências, visto que meu produto muitas vezes se valerá do audiovisual como linguagem para atingir seus objetivos e lugares pretendidos.

Na disciplina de Metodologia da Pesquisa, com Aline Grego, o momento da objetivação. Delimitação de objeto, escolha do método, alinhamento teórico, resenha, resumo, pré-projeto. Como desde sempre eu vinha convivendo com a mesma ideia, meu exercício aqui foi recortar e saber dar nome ao que eu tinha e ao que eu queria. O trabalho final desta disciplina, o projeto do trabalho final, foi o que eu levei para submeter, e foi aprovado, à banca de qualificação.

A sexta cadeira que cumpri no programa de indústrias criativas foi a de Políticas de Comunicação e Cultura, com o professor Lula Pinto. Apesar de ser alguém que sempre viveu de arte, de ter nascido imerso na cultura popular e de já ter passado por cargos de gestão, eu nunca tinha me debruçado sobre o panorama histórico das políticas públicas de cultura e comunicação do Brasil, muito menos com enfoque científico. Os textos percorreram grande parte da história do Brasil, através de movimentos na cultura e na comunicação que se identificam com o conceito contemporâneo de política pública, até chegar às recentes conquistas inéditas da gestão de Gilberto Gil no Ministério da Cultura e nas ações iniciais de desconstrução desses espaços a partir da vitória de Jair Bolsonaro para presidente da república em

2018. As discussões também localizaram Pernambuco e suas contribuições ao longo dessa história.

O meu artigo de conclusão foi uma análise crítica do Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura (FUNCULTURA), principal instrumento de fomento e patrocínio do setor cultural do estado de Pernambuco, garantido por lei, que integra poder público e sociedade civil em um processo que, apesar de sofrer várias críticas, minhas inclusive, é democrático e efetivo. O critério da regionalização foi meu ponto de partida para a crítica, que começava demonstrando uma concentração dos aprovados nos grandes centros urbanos do estado e terminava propondo uma regionalização prévia do orçamento, garantindo um mínimo de investimento no setor econômico da economia criativa de cada região do território, facilitando a otimização da relação custo-benefício que é princípio geral para o gasto público. Agregou muito tanto ao meu trabalho final quanto a minha vida profissional como produtor cultural e artista. Para meu estudo acadêmico me foi dado um panorama inicial da relação entre o setor profissional, social e econômico que pesquiso e onde atuo com o Estado, a gestão pública e suas diversas instituições. Foi também forjado um conceito de política pública que me fez localizar meu produto tanto na cultura quanto na comunicação e me aproximou dos detalhes de uma ferramenta de fomento que em breve poderá ser explorada pelos projetos do próprio acervo de Louro do Pajeú. A defesa do investimento nos arranjos produtivos locais também é uma ação que o ILB defende e teve grande importância neste artigo, o que o conectou mais ainda com meu trabalho final.

Estas foram as disciplinas do Programa de Indústrias Criativas por mim cursadas. Todavia, enquanto pensava na realização do meu produto e nos textos finais senti vontade de participar de algumas discussões do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem. Como pessoa do campo das letras esta é uma área presente em minha vida de forma empírica e para a qual nunca olhei com a lente da ciência e do pensamento acadêmico. Se não contribuíssem para o trabalho especificamente, serviriam para mim como mais referências de conhecimento. Mas serviram para tudo. As duas foram ministradas pelo professor Benedito Bezerra, provável orientador de um trabalho meu na área. A primeira cadeira, Fundamentos Teóricos e de Análise da Linguagem, me deu uma visão geral dessa ciência com suas principais escolas de pensamento e atuação. Pude com ela detectar vários processos

em minha relação com a poesia e com a língua como um todo, que foram importantes para minha formação e minha relação com meu ofício de escrever. A segunda, Fala e Escrita, levantou questões políticas importantes e profundas que circundam o exercício das várias formas de uso da língua. Mitos de supremacia do escrito sobre o falado, abordagens que atendem a interesses que não linguísticos, ideias que excluem e não ensinam, padrões que julgam e não integram, foram ideias que esta cadeira me ajudou a identificar e combater. Na primeira fiz uma resenha de cada texto como trabalho de conclusão. Uma revisão fundamental para deixar sempre clara em minha frente uma linha do tempo com os principais movimentos teóricos de cada momento histórico. Na segunda fiz um artigo que, sob a perspectiva do *continuum* fala/escrita, com as considerações de Marcuschi e outros, analisou estrofes feitas por Louro do Pajeú, com a peculiaridade do uso do trocadilho, para reforçar a visão que considera o falado e o escrito como modos, usos, exercícios complementares, da mesma língua, fundamentais em suas complementaridades para uma comunicação completa e efetiva, nos mais diversos momentos da vida social. Este último guarda um envolvimento maior com nosso trabalho final, por trazer como objeto uma parte da obra do nosso poeta em estudo, adicionando uma abordagem a mais para a obra de Lourival Batista, que será, inclusive, posta à disposição no acervo que preenche nossa plataforma, no setor de estudos e publicações sobre o poeta.

Com estas contribuições, resolvi pela construção do protótipo de um produto: *Louro do Pajeú – uma plataforma digital de memória e contemporaneidade poética do Sertão do Pajeú*. Junto com este produto, serão entregues dois artigos, além deste relatório que agora escrevo. O primeiro, *A força comunicativa da poesia popular. Folkcomunicação oral no Nordeste*, usa como referência conceitual a teoria de Luiz Beltrão, da Escola Brasileira de Comunicação. O trabalho reafirma a eficácia da poesia popular como linguagem em várias situações comunicativas e reflete sobre a relação de proximidade entre os campos da folkcomunicação e das indústrias criativas. O segundo, *O acervo de Louro do Pajeú. A experiência do Instituto Lourival Batista* relata como têm sido os primeiros movimentos no sentido de gerir um acervo em tempos de revolução digital. O próprio conceito de acervo tem sido relativizado por ideias como hiperlink e hipertexto e tem feito do ciberespaço o novo cenário onde conexões, atualizações, releituras, influências e intersecções de uma obra também

compõem um acervo, em seu sentido contemporâneo, e um patrimônio intelectual a ser gerido no ambiente e sob os princípios das indústrias criativas.

2. A FORÇA COMUNICATIVA DA POESIA POPULAR. FOLKCOMUNICAÇÃO ORAL NO NORDESTE

2.1 INTRODUÇÃO

Antes de adentrar precisamente no cerne do debate com o qual um trabalho acadêmico deseja contribuir, é necessário o delineamento teórico dos conceitos que dão base aos argumentos sustentados e são ponto de partida para a discussão desejada, e aqui esses conceitos são a Comunicação e a Poesia Popular Nordestina. O método usado para tal dimensionamento será a pesquisa bibliográfica e documental. Após esta fase, o artigo tentará demonstrar que a comunicação recorre de muitas maneiras, mais especificamente na região Nordeste do Brasil, à linguagem da Poesia Popular, para atingir públicos diversos e diferentes resultados. Por uma questão de proximidade com o objeto, serão usadas e exemplificadas, para ilustrar os argumentos, na grande maioria, experiências do cenário nordestino, quando não especificamente do estado de Pernambuco. A intenção é que ao final do trabalho fique reforçado o argumento de que a poesia popular é um forte veículo de comunicação, individual e coletivo, e uma linguagem própria que facilita o entendimento por parte de muitos públicos, aproximando inclusive alguns deles, excluídos por várias razões, de tecnologias, saberes e notícias dos quais talvez não se apropriassem se os recebessem em outra linguagem. Fruto exclusivo da criatividade humana, a poesia guarda íntima relação com a originalidade e a novidade, atrativas por natureza, se tornando uma linguagem sempre chamativa para o público, pelo ineditismo e pelo aspecto lúdico, e sustentável para o produtor, por depender do seu inesgotável talento. Nesta atração mútua reside sua força como vetor de comunicação.

É preciso esclarecer que a escolha das obras e acontecimentos que são postos aqui como ilustração é fruto de observações empíricas feitas por mim, não para este artigo apenas, mas como prática de quem nasceu e vive até hoje, inclusive profissionalmente falando, do mundo estético que se desenvolve a partir da palavra poética improvisada. Tudo que vejo e julgo ser importante para a poesia popular eu registro de alguma forma. Esta importância está presente quando vejo a poesia popular entrar em um terreno ainda não experimentado, no encontro com uma linguagem nova, num suporte ainda não usado, com um processo criativo diferente,

em um lugar novo, num momento importante de determinado processo histórico, quando um fato extrapola a vida profissional de um poeta e é importante para a arte, enfim, quando julgo que determinado fato aumenta o espectro de conexões e intersecções da poesia popular com outros mundos. Aos poucos vou estudando como cada coisa pode servir para meu trabalho, minhas atividades de poeta e pesquisador da área de direitos humanos, poesia e comunicação. E foram algumas dessas observações que me fizeram desejar este artigo.

2.2. COMUNICAÇÃO E FOLKCOMUNICAÇÃO

O ato comunicativo e a necessidade de estabelecer um contato mutuamente inteligível entre duas ou mais pessoas acompanha a humanidade desde os primeiros movimentos do seu processo evolutivo. A comunicação não é algo externo ao ser humano. É intrínseco à sua natureza, é elemento fundamental de sua complexidade e é necessidade básica, inclusive no mais animal dos sentidos, pois se comunicar é uma questão de sobrevivência. Foi esta necessidade e esse desejo de entender e ser entendido que levaram a espécie humana às pinturas rupestres, aos rituais do fogo, às primeiras articulações fonéticas que originaram as muitas línguas existentes e a posterior aparição da escrita. Ou seja, pode se afirmar com toda certeza que a comunicação é o motor e o provocador de vários passos decisivos para a humanidade e para a história como a conhecemos (CURADO, 2019).

Apesar de toda essa importância na experiência evolutiva da humanidade, a comunicação somente passou a ser considerada ciência, vista como uma área da atividade humana que tinha e precisava dimensionar uma teoria própria, que já era suficiente para alimentar um ramo de estudo do conhecimento científico, no começo do século XX, com a primeira grande revolução nos meios de comunicação. Os grandes jornais, o rádio, o cinema e posteriormente a televisão eram fatos que precisavam ser estudados sob o rigor da ciência. Deste primeiro impulso nascem as chamadas escolas e em cada uma delas algumas teorias. A Escola Americana, A Escola Francesa, a Alemã, a Inglesa, são algumas das que sempre figuram na lista de exemplos. O nosso foco aqui, e lente sob a qual se processará nossa análise, será a Escola Brasileira de Comunicação, e seus conceitos de folkcomunicação e folkcomunicador.

É necessário um breve desenho das principais teorias advindas destas escolas durante o século XX para entender o motivo pelo qual a Folkcomunicação, “a única teoria brasileira da comunicação” (FERNANDES e outros, 2013, p. 2), se tornou o melhor lugar para a forma como desejamos falar com este trabalho.

A Teoria Hipodérmica ganhou esse nome porque seus construtores defendiam que a informação deveria entrar na veia, na carne do receptor, gerando uma relação de manipulação; como questionamento a esta primeira impressão, ou corrente, surgiu a Teoria da Persuasão. Seus pensadores começaram a defender que o papel da comunicação não era manipular, mas persuadir, conquistar o consumidor; a Teoria dos Efeitos Limitados afirmava que um ouvinte não é diretamente persuadido. Pelo contrário, a mídia tenta antes entrar na realidade do consumidor para só depois identificar o melhor jeito de conquistá-lo; a Teoria Funcionalista não abandona o lugar dos grandes meios de comunicação, mas defende que era necessária também a análise do impacto das situações corriqueiras do cotidiano das pessoas comuns na comunicação; a Teoria Crítica se valeu de conceitos como superestrutura e classe para defender que o foco deveria ser o contexto social; a Teoria Culturológica surgiu na França, na década de 60. É uma contraposição à Teoria Crítica, também trabalhando os conceitos de Indústria Cultural e Cultura de massa; na década de 70 surge a Teoria do Agendamento, segundo a qual a mídia não tinha o papel de dizer e influenciar no *como* pensar do público, mas *em que* pensar; a Teoria do Gatekeeper que afirma que existem os porteiros da notícia. São figuras que funcionam como um filtro para o conteúdo e a forma do que será noticiado, e por fim, o Newsmaking, aceitava a realidade dos Gatekeepers e ia além, afirmava que a mídia era capaz de construir a realidade. É claro que este panorama não expõe completamente o pensamento sobre a Comunicação no século XX. Ele traz as correntes mais conhecidas, mas com certeza não abrange todas. Como já foi dito, ele é uma localização no tempo e no espaço para chegarmos à Escola Brasileira de Comunicação e a sua Teoria da Folkcomunicação.

2.3. FOLKCOMUNICAÇÃO

Esta teoria nasceu da tese de doutoramento em comunicação pela UnB do pernambucano Luiz Beltrão, que se transformou no Livro *Folkcomunicação – a comunicação dos marginalizados* (1980).

Dessa maneira, Beltrão consegue não apenas reelaborar uma teoria a partir de sua realidade contextual, mas comprová-la empiricamente, o que lhe dá o status de teórico da comunicação brasileira e latino-americana. (FERRAZ LIMA e outros, 2007)

Após uma conceituação geral da ideia dessa rede de comunicação e de seus agentes propagadores populares, ele parte para as especificidades de cada manifestação de cultura popular encarada como veículo comunicativo. Aqui nos interessam as conceituações gerais e as particularidades da poesia popular.

O que será usado especificamente são os conceitos de Folkcomunicação e Folkcomunicador, para mostrar, sob suas perspectivas, que a poesia popular é uma das mais representativas manifestações culturais do Nordeste e uma das linguagens mais usadas pelos diferentes ramos da comunicação. Para finalizar esta localização, relembro que o livro base para o estudo é de 1980, o que naturalmente o faz padecer da falta de algumas discussões da contemporaneidade, como a revolução digital, as redes sociais e as novas formas de produzir e divulgar conteúdo. Entretanto, no o que vai ser discutido, a internet entra como mais um suporte, mais um veículo de massa que usa as linguagens produzidas pela cultura popular, através dos próprios agentes do povo, para atingir aquela mesma coletividade produtora da linguagem, dando identidade antropológica ao ato comunicativo, ou seja, construindo, através de um folkcomunicador, uma experiência de folkcomunicação. O trabalho traz também referências de autores bem mais novos que desenvolveram trabalhos a partir da teoria de Beltrão, gerando releituras, ressignificações e novas abordagens que ajudam o pesquisador de agora nas atualizações que se façam necessárias.

Todas as teorias sobre comunicação que deram origem às escolas analisadas no tópico anterior se posicionam ou dimensionam sua abordagem dentro de um mesmo grande sistema. São lugares diferentes dos quais se olha para o mesmo objeto. Esse objeto é o Sistema de Comunicação Social, expressão gestada pelo Concílio Vaticano II, que se refere “ao conjunto de procedimentos, modalidades e meios de intercâmbio de informações, ideias, experiências e sentimentos adotado pelas elites eruditas” (BELTRÃO, 1980, pág. 20). Nele estão contidos a imprensa escrita, o rádio, a televisão, o cinema e tudo o mais que aparecer do mesmo gênero e função, característica prévia que faz o meio hoje abranger a internet e os meios digitais em todas as suas possibilidades.

O que acontece é que este objeto único, apesar de ser analisado de formas diferentes, inevitavelmente fomentou redundâncias e argumentos circulares que pareciam muito mais tentativas acadêmicas de fazer uma teoria para chamar de sua do que reais questionamentos mútuos que fizessem a teoria da comunicação andar em direção nova. Uma hora o foco na mensagem, outra hora no receptor, outra no suporte ou no emissor. Mas todos almejando a promoção bem sucedida de um mesmo conteúdo, atendendo a interesses de elites que concentram capital e poder, inclusive os grandes sistemas de comunicação, com pouco apego ao elemento humano e à diversidade cultural. Uma comunicação cara, tecnicamente prolixa, inacessível às massas, que destas queria apenas o consumo e a audiência, mas sem uma interferência direta nas esferas de poder e decisão. Uma massa alienada que comesse, vestisse, lesse, assistisse, ouvisse, trabalhasse, mas não pensasse nem se posicionasse de forma independente no mundo. O incentivo às realizações (compras) individuais e à competição (vencer o outro), típico do capitalismo, tentava, e tenta, retirar do povo sua unidade e seu sentido de pertencimento. Particularidades, singularidades e idiosincrasias de cada coletividade resistiam, e resistem, ao sufocamento feito pela cultura de massa e ao advento de um pensamento que abominava, e abomina, a pluralidade e a diversidade, com o projeto de manter uma estrutura social segregadora e perpetuadora de desigualdades. (BELTRÃO, 1980)

Entretanto, a falência desse modelo na tentativa de alcançar seus objetivos, especialmente no ninho das tecnologias da comunicação do século XX, os EUA, abriram espaços para questionamentos nunca colocados e um dos pioneiros foi Luiz Beltrão, aqui no Brasil.

As pesquisas científicas de caráter universitário, realizadas nos EUA e em outros países, destruíram o mito de que os meios de massa eram todopoderosos e exerciam influência direta na citação de novas ideias. Mostraram que, quase sempre, reclamavam uma intermediação individual ou grupal (...). (BELTRÃO, 1980, pág. 22)

A distância de elementos de quaisquer identidades e a falta de um mediador que realizasse as adequações necessárias de um mundo (comunicação) a outros (públicos) abriram lacunas de eficácia nos meios massivos e excluíram mais ainda as já marginalizadas classes populares. Estas, entretanto, não aceitaram passivamente este hiato na troca entre seus saberes, fazeres e informações e, atendendo uma necessidade básica da natureza humana, a de se comunicar, criaram seu próprio

modelo de conteúdos, formas e instrumentos de comunicação, sem estudos prévios ou modelos a serem seguidos, gerando uma rede tão complexa quanto bela de conexões que chamamos de cultura popular.

Excluídos do sistema de comunicação social e não podendo – pela própria condição humana – dispensar o intercâmbio de mensagens culturais, integrariam sem dúvida um outro complexo de procedimentos, modalidades, meios e agentes elaboradores e emissores de mensagens, ao nível de sua vivência, experiência e necessidades, e expressivas de sua ideologia, aspirações e opiniões. (BELTRÃO, 1980, pág. 23).

A aparição deste sistema preenche a lacuna de um lugar de pensamento e ação, de um modo de fazer que dê segurança e pertencimento a uma coletividade, mas a ele falta ainda a mediação, a figura de liderança que irá conduzir a relação do povo com seus modos de fazer e transmitir conhecimento. Figuras que não gozam de uma liderança construída politicamente pelo domínio de algum bem que falte aos demais, mas uma liderança forjada na capacidade e no talento de fazer com que o outro se sinta contemplado com sua fala e com sua ação. Pessoas que detém uma legitimidade natural, fruto de uma real experiência vivida com determinado grupo social e de um talento trabalhado, não de uma deficiência alheia administrada. Considerando a existência desse lugar de fala e desses agentes multiplicadores, Luiz Beltrão chega ao seu conceito de Folkcomunicação e Folkcomunicador. (...) “conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios direta ou indiretamente ligados ao folclore”. (1980, pág. 24). Vale ainda uma consideração final sobre a palavra folclore, já que esta foi muitas vezes usada de forma equivocada para menosprezar e congelar no tempo, condenando ao ostracismo, muitas manifestações culturais do nosso povo que tinham potencial para adequação aos tempos e ressignificação políticas de suas formas e mensagens. Como defende Beltrão, não consideramos aqui o “folclore estático”, apenas usado para registro e memória, como algo morto, condenado a museus, “como querem certos românticos” ou “meros catadores de curiosidades e extravagâncias”. O folclore que aqui faz sentido é o que usa o termo para garantir a ancestralidade de determinada manifestação e a evidência de sua digital antropológica, não impedindo seu deslocamento no tempo e no espaço. Queremos os “desabafos, explosões, manifestações de um pensamento atual” (BELTRÃO, 1980).

Ao contrário do Sistema de Comunicação Social, pautado na produção e difusão em massa de conteúdo e na imposição (de pouquíssimos para bilhões) de pautas e discursos, que o faz ser regido pelas relações de poder econômico e político, a Folkcomunicação é artesanal e horizontal, num processo que valoriza o processo (emissão e recepção da mensagem) tanto quanto o produto (resultado do ato comunicativo) e se aproxima em sua prática muita mais da comunicação interpessoal do que da indústria. A atividade do folkcomunicador deve ser a de um hermeneuta. Já que este possui intimidade tanto com o conteúdo em sua forma mais primitiva quanto com o público para o qual a mensagem deve ser enviada. Sua atividade é exatamente a de “traduzir” a mensagem de um “mundo” para outro, como fazia Hermes, deus-mensageiro que, na mitologia grega, traduzia as mensagens do Olimpo para a língua dos mortais, tradição que inclusive define a palavra hermenêutica, que por sua vez se refere aos estudos da interpretação. Beltrão também o chama de *líder de opinião*, afirmando que sua liderança reside na capacidade de dominar determinado código e usar o mesmo para emitir e responder mensagens.

É interessante ainda discorrer um pouco sobre os folkcomunicadores. Eles são um ponto importante para a singularização dessa teoria brasileira e pernambucana. Há uma inicial semelhança com a teoria dos *gatekeepers* que deve ser logo esclarecida. De fato, nos dois casos são elementos que se colocam entre a mensagem original e o público. Há, porém, diferenças fundamentais. Os “porteiros” da comunicação social estão conscientemente inseridos numa função dentro do organograma das grandes empresas e com um arcabouço teórico e prático articulado para alcançar resultados que provavelmente não o afetarão. Os folkcomunicadores estão empiricamente (pelo menos no início) inseridos num contexto social de resistência, onde falta mais do que sobra, onde a comunicação é necessidade e não emprego, onde são poucos os meios para uma atividade que faz com seu talento e cujos resultados o afetarão diretamente. A liderança deste agente do povo está ligada a sua credibilidade, seu carisma e sua capacidade de representar algo além de si próprio. Beltrão afirma que geralmente são pessoas de prestígio em sua sociedade, de forte convicções e visão crítica e com mobilidade e contato frequentes com outras formas de vida e organização, inclusive com os meios de comunicação de massa, o que faz ser elo entre seu povo e os mundos externos. “O folkcomunicador recodifica a mensagem midiática e reinterpreta a informação, de acordo com os valores

comunitários, e diríamos, de acordo com o *ethos* de cada comunidade.” (FERRAZ LIMA e outros, 2007)

É dessas características do folkcomunicador que nasce o melhor alcance de uma mensagem para determinado público. O pertencimento, a identidade e o auto-reconhecimento no outro que podem se processar na percepção de determinada audiência através de um código, de uma estética, um sotaque, da cor da pele, de um instrumento, de uma roupa, são decisivos na hora dela (mensagem) resolver adotar e endossar determinado discurso, prática, atitude, postura, pensamento, voto etc.. Falas que poderiam soar violentas ou ininteligíveis para um grupo social, são imediatamente captadas e muitas vezes questionadas quando colocadas para um público com a roupagem dos seus símbolos, suas crenças, seus mitos, seus escritos e contados, seus cantados, pintados e esculpidos. Além disso, o fato de serem retirados do folclore garante um aspecto sempre lúdico, artístico, de deleite para além do estômago, tanto aos meios como aos agentes da folkcomunicação e cobre essa teoria com um manto de universalidade, vindo exatamente dessa ânsia pelo entretenimento, intrínseca à natureza humana e revelada em qualquer lugar do mundo pela face de sua cultura popular.

A audiência da folkcomunicação é ela mesma. Produtores e receptores de mensagens se confundem neste meio e fazem dele ainda mais coletivo e ainda mais crível, visto que o que for feito por seus agentes e líderes comunicadores terá os mesmos também como alvos da mensagem e do seu efeito, porque eles integram o povo para o qual falam. Este fato aproxima ainda mais liderados e lideranças e faz a coletividade se envolver mais tranquila em determinado projeto, porque sabe que quem conduz o processo quer para si o que quer para todos. Ressalvando o pejorativo que historicamente se atribuiu ao termo, Beltrão afirma que os *marginalizados* são a audiência da Folkcomunicação. São aqueles que foram postos à margem de determinado processo, foram retirados da correnteza, que anda pra frente e retira de onde passa as riquezas naturais, para a margem, para ficarem estáticos, imóveis, assistirem a água passar com todos os nutrientes políticos que poderiam ser aproveitados por todos do rio, mas é monopolizado por peixes maiores. Grupos urbanos e rurais, culturalmente marginalizados, (BELTRÃO, 1980) são quem formam a audiência da cultura popular, com o detalhe importantíssimo que do meio desse mesmo povo sai o “artista” que conduzirá o espetáculo. É importante frisar que a

distinção feita por Beltrão entre urbano e rural - e neste último estaria a poesia popular - não atende mais ao cenário de agora. Quando escreveu sua teoria, Beltrão não tinha diante dos olhos a revolução tecnológica que hoje é uma realidade. A internet e todas as suas possibilidades digitais derreteram fronteiras geográficas e numa realidade transmidiática mesclam terrenos, saberes, possibilidades, suportes, linguagens, atores e muitos outros elementos, a ponto de qualquer tipo de arte ou linguagem poder vir de todo e qualquer recorte social. As singularidades servem hoje muito mais para uma investigação sobre a gênese de determinada manifestação, mas se esta for considerada no presente o seu lugar de origem torna-se apenas uma questão de localização da autoria, não uma determinante estética, política ou social. Já a expressão “culturalmente marginalizados” pode ainda ser usada e considerada, visto que, apesar da inicial democratização dos meios de comunicação, existem muito mais grupos que não se sentem contemplados pelos grandes meios do que grupos que se enxerguem representados, estes concentrados pelas elites de cada realidade.

2.4. QUE POESIA POPULAR?

A primeira ideia para especificar que poesia popular está sendo referenciada é a trazida à luz pelo conceito de literatura oral, baseado nas considerações feitas por Luís da Câmara Cascudo em seu livro *Literatura Oral no Brasil* (1952/2006). Partindo da definição de Paul Sébbilot, que teria usado a expressão pioneiramente em seu *Litterature Oral de la Haute-Bretagne* (1881), o grande folclorista brasileiro invoca elementos da história e da cultura nacionais para chegar em um conceito mais adequado para nossos povos e suas expressões literárias populares. O estudioso francês usou a ideia bem genérica de que literatura oral é tudo o que cumpre, para quem não sabe ler, a função que, para quem sabe, cumprem os textos escritos. A crítica ou adequação necessária a este primeiro conceito não é fundada em sua generalidade. O questionamento feito é à posição de se definir um objeto a partir de uma propriedade que ele não tem, e mais ainda fazer dessa ausência não uma característica, mas uma deficiência. A literatura oral não é assim porque é feita por quem não sabe escrever ou para quem não sabe ler. Ela é oral porque sua produção e transmissão repousam na matriz da oralidade, com todas as suas complexidades, ancestralidades, profundidades e conexões incalculáveis. A oralidade é, como a linguagem, inerente à natureza humana, sendo o veículo mais visível da mesma.

A oralidade enquanto prática social é inerente ao ser humano e não será substituída por nenhuma outra tecnologia. Ela será sempre a porta da nossa iniciação à racionalidade e fator de identidade social, regional, grupal de indivíduos. (...) A escrita, por sua vez, pelo fato de ser pautada pelo padrão não é estigmatizadora e não serve como fator de identidade individual ou grupal. Isso, a menos que se sirva, como na literatura regional, de traços da realidade linguística ou apresente características estilísticas tão peculiares que permitam a identificação de autoria. (MARCUSCHI, 2008, pág. 36)

Não se pretende negar a importância da escrita, inclusive para a literatura oral, que pode com ela ser registrada e estudada, mas o que não se pode é colocá-la como um crivo de qualidade ou um divisor civilizacional. Aliás, o berço da civilização ocidental, que é a Grécia, nasceu e se inventou apoiado na força retórica e no poder dos argumentos e discursos orais dos grandes filósofos, debatedores, poetas e oradores. A literatura oral é o que é porque assim nasceu e assim se transmitiu ao longo de milênios, optando, depois da sistematização da escrita, por manter uma produção literária que assinalasse o talento e as expressões do povo, dos comuns, seus jeitos, seus saberes, suas histórias e estórias coletivas. Com a escrita sendo imposta como ferramenta de estudo, com a aparição da escola e do ensino formal e com os movimentos políticos de interesses e conveniências, as expressões que não dependiam do ato de escrever, e, portanto, passavam ilesos pelo discurso oficial, foram não somente ignoradas, mas combatidas, criando o preconceito e a discriminação contra saberes que são na verdade a essência antropológica da formação do nosso povo.

Por este e outros motivos é preciso ir além. Cascudo chama essa literatura também de literatura folclórica e diz que é folclore a expressão popular, sendo popular, por sua vez, tudo que não for oficial, que guardar antiguidade, persistência, anonimato e oralidade. Toda a massa imaginária comum e coletiva passada pela tradição, que é “o processo divulgativo do conhecimento popular ágrafo” (CASCUDO, 2006, pág. 27).

Todos os autos populares, danças dramáticas, as jornadas dos pastores, as louvações das lapinhas, Cheganças, Bumba-meu-boi, Fandango, Congos, o mundo sonoro e polícor dos reisados, aglutinando saldos de outras representações apagadas na memória coletiva, resistindo numa figura, num verso, num desenho coreográfico, são os elementos vivos da literatura oral. (CASCUDO, 2006, pág. 26).

Ou seja, a produção literária oral, no Brasil ou em qualquer lugar, é muito mais do que uma arte feita para sanar lacunas ou deficiências de algo ou alguém. É, em muitos casos, ou em todos, o próprio mapeamento do modo de viver de uma coletividade, em seu surgimento, desenvolvimento e expansão. É o que se produz inevitavelmente, é

a vida traduzida pelo ato de falar. Não é um produto previamente pensado. O fazer na oralidade é o viver. A literatura oficial é regida por predileções individuais, é uma ação refletida, um argumento intelectualmente desenvolvido, pode ser enquadrada, datada, carimbada por seu autor. Isso gera uma discriminação, que não é culpa dela, mas impõe à literatura oral anos de negligência e desdém, insuficientes, registre-se, para abalar sua força, que mesmo longe dos salões oficiais, continua “viva e sonora, alimentada pelas fontes perpétuas da imaginação, colaboradora da criação primitiva, (...), rumorosa e eterna, ignorada e teimosa, como rio na solidão e cachoeira no meio do mato” (CASCUDO, 2006, pág. 25).

É evidente que dentro do amplo universo da literatura oral se encontra também a poesia feita de forma oralizada. A forma mais ampla e popular trazida d'Europa foi a poética. E a poética musicada. O canto ritmava e desenvolvia o idioma (CASCUDO, 2006, pág. 366). A poesia feita para ser dita e ouvida e não para ser lida no silêncio solitário dos que precisam mergulhar em si mesmos. A poesia oral popular brasileira pressupõe interação social, emissor e receptor, saberes coletivamente adquiridos, pertencimento, transmissão de conteúdo, ou seja, a poesia popular pressupõe comunicação, sendo ela própria uma das formas mais usadas e eficazes na hora de se disseminar uma ideia ou uma notícia no seio do povo, notadamente do povo nordestino.

Essas cantigas, ritmos, parlendas não os aprendemos nem decoramos jamais. Aparecem na memória inexplicavelmente. Foram ouvidas, repetidas e se fixaram como visitas que passaram a hóspedes e destes a moradores definitivos. O poder dessa massa de versos, perpetuamente em movimento de memória em memória, a maioria sem registro e publicação, é admirável de vitalidade e de persistência. (CASCUDO, 2006, pág. 398)

Esta força de religação e pertencimento, entretanto, não amarra estas formas de produção literária ao passado ou a uma forma arcaica de fazer ou pensar. Pelo contrário. Se desde o século XVIII, - data dos mais antigos registros e documentos históricos cientificamente testados, porque a produção real é de muito antes e impossível de se precisar - esta poesia vem sendo produzida no Brasil, assumindo muitas formas e estilos, mas preservando seu caráter oral, o improvisado como regra e a métrica e rima como estética, ela mais do que prova sua capacidade de adequação aos tempos, temas, públicos e meios, e sua capacidade de integração com outros saberes, populares ou não, sem que para isso tenha aberto mão dos aspectos formais da poética que a trouxe até aqui e é seu grande patrimônio histórico. A poesia popular

do Brasil aponta para o futuro e já se articula também nos meios digitais, provando mais uma vez sua capacidade de caminhar para frente nos ajudando sempre a não nos esquecer de olhar para trás. Dentre as manifestações da poesia popular, que não são poucas, destacarei aqui a cantoria de viola, a literatura de cordel, a embolada e poesia de bancada. Cada uma tem sua particularidade e a seu modo está inserida nos mais diversos meios de comunicação. Ou melhor, de Folkcomunicação.

2.4.1. Cantoria de Viola / cantador(a)

Segundo o poeta e estudioso Bráulio Tavares, a cantoria de viola é o “espetáculo em que dois poetas se enfrentam improvisando versos ao som da viola, dentro de formas poéticas tradicionais e obrigatórias, de acordo com sua própria inspiração e com pedidos da plateia.” (TAVARES, 2016, pág. 9). Nosso folkcomunicador aqui é o repentista violeiro, o cantador. Em outras regiões do Brasil estas palavras podem adquirir outros significados, mas no Nordeste brasileiro o cantador é o poeta que faz versos de improviso se acompanhando da viola (TAVARES, 2016). As suas características são reflexos das propostas por Beltrão para o folkcomunicador. Alguém dotado de um talento, neste caso para a palavra original cantada, a poesia oral, e que através dele e de suas outras potencialidades, exercidas dentro do seu contexto social, forja naturalmente uma liderança e um carisma que lhe dão legitimidade e credibilidade para ser o transportador e o decodificador de mensagens de outras realidades para a realidade onde está inserido. Atente-se para o fato de que ele não participa desse processo como uma ponte isenta. Pelo contrário. A força maior da sua credibilidade vem do fato dele também ser público da mensagem que emite, porque de tão inserido no contexto que lidera será sempre atingido pelo que aquela mensagem provocar à sua coletividade.

Pensar nesses poetas e em sua arte é pensar ao mesmo tempo em todo um contexto social no qual eles estão inseridos e que constituem fios que dão conformação a uma teia de significados que compõem uma trama bem definida na constituição e criação da figura do cantador. (CASTRO, 2010, pág. 2)

E da mesma forma que acontece com o cantador, acontece com o poeta cordelista, o embolador e o poeta-declamador. Esta presença tão íntima na alma e na digital antropológica do nosso povo fez e faz da cantoria uma manifestação protagonista em muitos momentos marcantes na história do Nordeste e do Brasil. Embora seja claro que a Folkcomunicação não se realiza pelas grandes estruturas ou pelos figurões de determinado setor, mas sim pelas conexões cotidianas, gestadas numa vivência

específica de um povo em um lugar e sob uma gama de costumes e hábitos coletivos, muitas vezes foram os folkcomunicadores os encarregados de traduzir os sentimentos que determinados eventos causaram na nossa nação.

Em 1980, quando João Paulo II anunciou que pela primeira vez um papa visitaria o Brasil, o governo brasileiro convidou, para recepcioná-lo, um cantador de viola, Otacílio Batista (1923-2003); Miguel Arraes, um dos grandes nomes da esquerda brasileira, colocou o repente em todas as suas campanhas eleitorais, sendo a primeira em 1950 e a última em 2002, o que demonstra mais uma vez a capacidade que esta arte tem de se reinventar e acompanhar as mudanças que atingem seu público e seus realizadores; também não foi por acaso que o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, ao vir ao Recife se despedir do povo como presidente teve dois repentistas como porta-vozes do sentimento nordestino naquela hora; A Rede Globo de Televisão também já demonstrou que é ciente dessa força com a novela *Velho Chico* (2016) e não só apostou na estética plástica do Nordeste como colocou os personagens de dois cantadores repentistas como vozes costuradoras da trama e sanadoras de lacunas narrativas; vários nomes de muitas gerações da música brasileira gravaram músicas e também compuseram com elementos literários da cantoria de viola (Zé Ramalho e Amelinha (*Mulher nova, bonita e carinhosa*), Alceu Valença (*Martelo alagoano*), Antônio Carlos Nóbrega (*Carrossel do destino*), Gilberto Gil (*Procissão*), Maria Betânia (*Luar do Sertão*), Caetano Veloso (*O quereres*), Lenine (*Miragem do porto*), Djavan (*Violeiros do Nordeste*) e Elomar (*O violeiro*)) e o cinema também tem momentos bem representativos da força da cantoria em comunicar algo. Os filmes brasileiros *Parahyba, mulé macho!* (1983), de Tizuka Yamasaki, e *Romance* (2008), de Guel Arraes, usaram a cantoria de forma fundamental, na diegese e fora dela, e não só ilustrativa, em suas narrativas.

2.4.2. Embolada / embolador(a)

Apesar de ter adquirido suas singularidades, esta forma de poesia oral ainda guarda semelhanças com a cantoria de viola de onde veio.

Repentista é quem faz versos de repente, quem faz versos improvisados. Todo violeiro nordestino é repentista, mas nem todo repentista é violeiro. Existem, por exemplo, os emboladores de coco ou coquistas, que também improvisam repentes, mas cantam acompanhando-se de pandeiros ou ganzás, e cultivam estilos de verso e melodia distintos dos que são usados pelos violeiros.(TAVARES, 2016. Pág. 19)

É bem sintomático, e vem a confirmar nosso argumento que sustenta a força da poesia popular em comunicar algo, que no momento em que estou escrevendo sobre a embolada entra no ar um comercial da Rede Globo Nordeste, protagonizado por Caju e Castanha, dupla de emboladores nacionalmente conhecida, acompanhados de Zé Brown, rapper da periferia do Recife que mistura as raízes poéticas orais urbanas e interioranas no seu trabalho que mescla rap e repente. A letra da embolada meio rap, ou vice-versa, fala exatamente do sentimento de pertença a uma determinada cultura, a um determinado lugar, e do orgulho que devemos sentir de ser quem somos, trabalhando uma consciência coletiva que nos faz reconhecer no outro o que também experienciamos e nos dá uma segurança e um senso de gregarismo social que nos torna mais fortes politicamente e menos passíveis de exploração por parte de estruturas dominantes. Registro também um comercial da Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF) pela redução da prática das queimadas. Aqui não só é uma linha completamente diferente da propaganda anterior do Recife, como também é um feito para questionar um costume, um hábito, de muitos moradores da zona rural nordestina. A primeira é uma louvação, uma celebração da nossa identidade, mais fácil de fazer. A segunda é um convite a uma nova prática. Um convite que traz escondida uma crítica e uma convocação ao abandono de um velho costume. Mesmo assim para as duas a embolada de Caju e Castanha foi usada como forma de adequar melhor os dois discursos, um emitido por um ente privado e outro por uma instituição pública, e para os dois serviu a força comunicativa dos emboladores e da sua poesia popular.

2.4.3. Literatura de Cordel / cordelista

Dos filhos da cantoria este é o mais conhecido. Tão mais conhecido que o senso comum geralmente é induzido ao erro de chamar de “cordel” tudo que não é poesia erudita brasileira. É quase um sinônimo de poesia popular, na boca dos menos atentos aos detalhes do tema. Em sentido estrito, o cordel é uma das formas de poesia popular, é um estilo com características próprias, um gênero, um jeito de fazer, entre muitos possíveis, usando as mesmas ferramentas de métrica e rima típicas desta estética e usadas por muitos poetas e em muitos formatos de poemas diferentes. Então, se é apenas mais uma forma, por que é também tão mais disseminado, produzido e conhecido, superando até em público e em produção sua ancestral cantoria? Os estudiosos são unânimes em afirmar que esta diferenciação se dá pela

natureza escrita do cordel. A possibilidade do registro físico, impresso, concreto, levou a literatura de cordel mais facilmente aos lugares onde seria mais difícil chegar uma dupla de cantadores ou de emboladores. A cantoria e a embolada pressupõe uma data, uma festa, uma feira, enfim, uma situação criada. O folheto, por sua vez, anda sozinho e desde os primeiros impressos no Nordeste se transformaram em artigo de venda, criando mais uma forma de sustento para os que antes tinham que cantar para ganhar algo e até para quem não era do ramo da poesia, mas era das vendas e viu no produto um artigo promissor para o comércio de feiras e festas. Até quem não sabia ler levava o folheto para pedir a quem soubesse. Por essa razão também ele é considerado o primeiro jornal do sertanejo, a revista do nordeste brasileiro, a novela lida por partes pelo pai na sala de casa, após o jantar, como capítulos de uma trama televisiva, a cartilha onde muita gente aprendeu a ler e a escrever, fato que faz dele até hoje objeto de estudo de pedagogos, arte-educadores e professores da área de educação, letras, linguística etc. (LIRA, 2008; PINHEIRO, 2011; IZÍDIO, 2015). No Brasil, o cordel acompanhou a colonização portuguesa e ganhou grande destaque no Nordeste.

Começando pelas letras, o cordel influenciou, quando não serviu mesmo de base direta, para vários escritores do Brasil. Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Clarice Lispector, Maximiano Campos e Ariano Suassuna são alguns dos nomes que assumiam a importância fundamental dessa literatura em sua escrita. Para darmos um salto para quase agora, em 2016, um dos finalistas do prêmio Jabuti, importante prêmio literário brasileiro, foi uma versão do clássico *O Pequeno Príncipe*, de Saint-Exupéry, em cordel, escrito e ilustrado com referência estética à xilogravura pelos pernambucanos Josué Limeira e Vladimir Barros, respectivamente; saindo da leitura lúdica, vale mencionar o *Evangelho de São Lucas em Cordel*, publicado por Olavo de Sousa, em 1985, no Recife, pela Escola Dom Bosco de Artes e Ofícios; e passando para as letras no ensino formal, cito o livro *100 dúvidas de português. Cem estrofes que orientam... Sem ser dono da verdade* (Ensinamento Editora, 2014), dos poetas Geraldo Amâncio e Marcos Mairton. Outro bom exemplo está na sétima arte. O Cinema Novo também fundiu sua linguagem com o cordel em muitas ocasiões. O cordel era uma literatura popular, essencialmente envolvida na realidade social e distante das grandes edições. Ou seja, a opção pelo cordel não foi somente estética. Usar o que estava à margem das elites era também um recado

direto ao *status quo* e fazia com que, desde a matéria que era base para os roteiros, o filme fosse questionador e conectado com o povo brasileiro em suas mais íntimas manifestações. *Vidas Secas* (1963), de Nelson Pereira, e *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1964), de Glauber Rocha, são obras paradigmáticas deste encontro de linguagens. Esta relação é tão forte que gerou estudos específicos, como o da francesa, doutora em cinema, Silvie Debs, *Cordel e Cinema* (2014). Para filmes mais recentes temos *O Auto da Compadecida* (2000), de Guel Arraes, e *Canudos* (1997), de Sergio Rezende. Quero fazer uma referência especial a um conjunto de documentários realizados pelo cinema pernambucano recentemente que também tem representado a atemporalidade desse universo poético da poesia popular como um todo, e não só do cordel. O cinema de Pernambuco tem se destacado no Brasil e é importante mostrar como ele também reconhece a força poética e comunicativa do nosso povo. *Bom dia, Poeta!* (2015) e *Rio Feiticeiro* (2019), de Alexandre Alencar, *O Silêncio da Noite É que Tem Sido Testemunha das Minhas Amarguras* (2018), de Petrônio Lorena, *Saudade* (2018), de Paulo Caldas, *Não Tem Só Mandacaru* (2016), de Tauana Uchoa, *Poetas Analfabetos do Sertão do Pajeú* (2017) e *Leonardo Bastião, O Poeta Analfabeto* (2019), de Jefferson Sousa e *Ouro Velho, Mundo Novo* (em finalização), de Lírio Ferreira e Cláudio Assis, são produções dos últimos cinco anos que mostram como o mundo da poesia popular nordestina está vivo e latente nas mais diversas linguagens da arte, até nas mais autorais, como o cinema de Pernambuco da contemporaneidade; Também na moda, universo ligado a conceitos de um mundo *fashion* e *pop*, distante do regionalismo do cordel, este tem sido colocado. Coleções de estilistas e até marcas do varejo usam cada vez mais o imaginário plástico do cordel em roupas, calçados e adereços, ajudando a dimensionar termos e conceitos derivados da folkcomunicação, como folkmarketing e folkmídia (BEZERRA DA SILVA e LUCENA FILHO, 2012); A minissérie *Lampião e Maria Bonita* (1982) e a novela *Cordel Encantado* (2011), ambas da Rede Globo, inserem a televisão nessa lista e, por fim, vale muito ainda ressaltar o uso do cordel como elemento multiplicador de informação e saberes por parte das instituições públicas. Ana Ferraz, proprietária da Editora Coqueiro, especialista na edição dos cordéis, no Recife, assegura que dos mais de sete milhões de folhetos impressos pelas suas máquinas, mais de um terço é fruto de encomenda por parte dos governos federal, estaduais e municipais. Do uso do preservativo, passando pelos cuidados com a dengue, a vacinação contra a febre aftosa e a nova reforma ortográfica da língua portuguesa, todos os tipos de assunto e

matéria que são de interesse dos entes públicos são colocados em cordel como forma de facilitar o entendimento e a disseminação das informações por todo o Brasil, mais sensivelmente na região Nordeste.

2.4.4. Poesia de bancada / poeta-declamador.

Sem dúvida, hoje, o exemplo mais representativo da aposta no poeta declamador como veículo comunicativo seja a presença do poeta Bráulio Bessa e do quadro Poesia com Rapadura no programa *Encontro*, apresentado por Fátima Bernardes, na Rede Globo. E não é uma simples e aleatória participação. A cargo dele e da sua poética ficam o resumo de todas as questões discutidas, geralmente ao redor de um tema central, e um posicionamento sobre o assunto posto, reservando para a poesia e para o poeta a postura crítica diante das colocações em geral. Em momento algum quero duvidar da qualidade do poeta, mais do que suficiente para levar sua verve a qualquer lugar, nem da possibilidade dos realizadores do programa gostarem realmente da poesia popular declamada, mas não deve ser coincidência a presença dele nas manhãs do canal com o fato do programa ter uma audiência no Nordeste abaixo da média nacional, segundo dados da própria emissora. Como tudo na televisão, o *Encontro* precisa de audiência, e colocar uma das mais fortes manifestações culturais da região onde menos é assistido para estar presente no programa deve ser também uma estratégia para conseguir elevar seus números locais.

Estes momentos servem para estabelecer marcos e símbolos, mas não são elas propriamente que fazem a arte popular falar tão profundamente na alma da nossa gente, mas sim sua íntima relação com a vida real, cotidiana, com os sofrimentos, as lutas e os gozos de quem a produz e a consome, como já nos esclareceu a teoria de Beltrão. Para as culturas populares, a crise é a contínua demonstração da existência. Para elas, viver é o próprio perigo e, portanto, criar algo é responder à vida crítica na tentativa de superá-la. (ALVES, 1986)

2.5. CONCLUSÃO

Demorou um pouco até eu achar alguma ideia que me completasse para escrever a guisa de palavras conclusivas. Essa demora não foi em vão e tem alguns aspectos a serem considerados. Primeiro é o fato de desejar tentar agregar algo além

do objetivo inicial do trabalho, que é o reforço da teoria da Folkcomunicação e sua relação com a poesia popular. Eu gostaria de algo que eu ainda não tivesse percebido. Beltrão deu uma visão científica a uma situação que eu já dominava por outras formas de saber. Foi um belo encontro entre minha vivência empírica e uma abordagem acadêmica de comunicação, visto ser esta nossa grande área de conhecimento onde está inserido o mestrado de Indústrias Criativas. Foi usando a Folkcomunicação que eu pude localizar a poesia oral do Nordeste, em algumas de suas manifestações, como linguagem e ambiente de uma forte rede de informação, integração e inserção social das diversas realidades de resistência onde ela aconteça, e o poeta popular, em suas múltiplas formas, como um grande folkcomunicador, mediador do seu povo com outras realidades e culturas, dentro de um arcabouço teórico da academia. Mas eu quis um pouco mais.

Procurei então uma aproximação maior com o campo de ação do nosso curso, as indústrias criativas. A depender da abordagem e da filiação teórica do estudioso uma singularidade pode surgir ou um detalhe tornar-se importante, mas há aspectos comuns e fundamentais em todos os conceitos mais difundidos e contemporâneos no estudo da economia da criatividade que permitem uma conceituação básica, mas pacífica entre as diferentes visões. Jenkins, Ford e Green (2014), Bessi (2015), Bendassoli, Wood Jr., Kirchbaum e Pina e Cunha (2017) e Rocha (2018) são uníssonos em afirmar, guardadas as particularidades, como já esclarecido, que as indústrias criativas são todas aquelas atividades humanas dependentes do talento individual, que possuem a criatividade como principal matéria-prima, capazes de criar bens culturais dotados de significado social e valor econômico e protegidos pelo regime da propriedade intelectual. Trazendo para perto o conceito já citado que resume a teoria da Folkcomunicação e dos Folkcomunicadores de Luiz Beltrão, “conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios direta ou indiretamente ligados ao folclore” (BELTRÃO, 1980, pág. 24), me chamou a atenção à intimidade que os dois universos possuem.

O talento individual, ou individualmente exercido dentro de uma coletividade, é o vetor principal dos dois campos, dada a importância prática dos criadores/produtores no primeiro e dos folkcomunicadores no segundo. A criatividade e a necessidade de se comunicar, características, impulsos e desejos inerentes à natureza do homem,

são a matéria-prima, humana, imaterial e sustentável, com que essencialmente trabalham as duas áreas, posto que ao se colocarem como formas de realização alternativas às forças dominantes de cada um dos seus setores produtivos, a macroeconomia e a comunicação social, a originalidade e o fazer autoral se colocam como imperativos práticos ao alcance mínimo de qualquer resultado. A ligação direta com públicos e setores que pensam e agem à margem do *status quo*, faz os dois discursos terem proximidade com ideias como ruptura, transição e inovação, mas também pluralidade, diversidade, tolerância e democracia. A intersecção quase obrigatória que os dois mundos possuem com o lúdico, o artístico, o estético, o cultural, o simbólico, o deleite espiritual e intelectual, também chama a atenção. É obvio que esta lista de semelhanças não deve parar por aqui, mas vou citar uma característica comum final: a íntima ligação com as tecnologias. Esta é uma aposta, pois se Beltrão não viveu para ver a revolução da tecnologia que hoje nos cerca, nunca saberemos se ele veria nas novas formas de comunicação pessoal/pública digital apenas uma possibilidade sem precedentes de suportes que se conectam e se completam ou uma nova realidade capaz de fazer sua teoria ser redimensionada. Eu fico com a primeira hipótese. Se a linguagem usada por um meio de comunicação é a mesma do público que ele deseja atingir, usada por pessoas tiradas desse mesmo público como forma de credibilidade e legitimação e o recurso usado está ligado às manifestações de cultura popular deste povo, a folkcomunicação está presente, mesmo que para isto seja usado uma plataforma digital. É a nova realidade transmidiática nos saltando aos olhos e fazendo folclore e tecnologia se fundirem, não segurarem seus limites primários frente ao número crescente de conexões possíveis entre seres e saberes de todas as mais variadas formas de vida e vivência do planeta.

Cada uma a sua forma, esses dois conceitos são fatos geradores de reposicionamentos e ressignificações em suas respectivas áreas de pensamento e ação. Ambos não representam apenas uma releitura de um mesmo objeto ou uma nova abordagem sob uma mesma visão. As indústrias criativas reposicionaram valores na economia, hoje voltada muito mais para o capital humano e intelectual e para as ideias e tecnologias inovadoras, pluralizaram o cenário de criadores, produtores e atores diversos num mercado tão novo quanto promissor, relativizaram poderes antes hegemônicos e monopolizadores, criaram mecanismos que fizeram do consumidor uma força de intervenção direta no produto, pautando com suas

preferências e ideologias o mercado que depois irá consumir, juntou comunidades virtuais que deram inícios a nichos e mercados específicos, geraram novas formas de negociação e moedas próprias de certas coletividades, enfim, democratizaram lugares antes acessados por pouquíssimos escolhidos do capital. A folkcomunicação identificou, dimensionou, conceituou, tornou objeto de estudo acadêmico e abordagem científica e deu nome a um sistema alternativo de conexões, informações e saberes, independente da comunicação social, baseado nas linguagens e nos elementos simbólicos das manifestações de cultura popular e realizado por agentes (folkcomunicadores) pertencentes ao público alvo da mensagem.

Por tudo isto, é que as últimas palavras desta reflexão são para afirmar que nem todas as indústrias criativas se valem, necessariamente, da folkcomunicação, embora ela seja sempre uma possibilidade. Algumas inclusive são símbolos das grandes estruturas da comunicação social, como o cinema e a televisão. Mas com certeza a folkcomunicação é, por si, uma indústria criativa. E a poesia popular do Nordeste é um exemplo frutífero da união das duas. É uma indústria criativa que faz folkcomunicação.

3. O ACERVO DE LOURO DO PAJEÚ. A EXPERIÊNCIA DO ILB

3.1. INTRODUÇÃO

O que vem em nossa mente quando escutamos palavras como acervo, arquivo e memória? Não seria de admirar que a maioria imaginasse um lugar com características comuns. Um ambiente material, físico, mais precisamente de alvenaria, um prédio, um quarto, uma sala. Um lugar onde se guarda algo passado, algo morto, estático, até por respeito ao seu caráter histórico. Um lugar empoeirado, mofado, amarelado pelo tempo, visitado apenas por quem possui interesses muito específicos. Um conjunto de materiais, peças e elementos que remetem a algo ou alguém que de alguma forma engloba toda a narrativa. Palavras que combinam com velhos, com livros, com bibliotecas, com saudosistas. Nada disso é para causar estranheza, visto que por muitos anos, em diferentes realidades, essas podem realmente ter sido a situação mais corriqueira dos acervos. Pelos mais diversos motivos. Falta de apego à memória, falta de material apropriado, perícia ou recurso técnico, reforma de uma ala do prédio tal, não importa. Por muito tempo, principalmente nos países com graves entraves sociais e com problemas de analfabetismo e educação em geral, a parte já vivida de uma realidade nunca foi da melhor forma dimensionada e tratada.

Esta visão, entretanto, vem mudando e se alargando para alcançar novos campos e possibilidades. A partir dos últimos dez anos do século XX, quando a Sociedade do Conhecimento começou a mostrar seus primeiros contornos e o capital intelectual e científico passou a ser a mais valiosa matéria-prima do mercado internacional, preparando o cenário para o surgimento das chamadas indústrias criativas, tudo impulsionado pela revolução diária das tecnologias digitais de comunicação, muitos conceitos e paradigmas enfrentaram releituras, ressignificações, reposicionamentos e até superações em nível global (JENKINS, 2009; HOWKINS, 2013). E o conceito de acervo foi intensamente visitado por estas transformações. As possibilidades incontáveis de complementação dos mais diversos suportes e linguagens transformaram não somente os acervos, arquivos e bancos de dados em sua natureza mais essencial, como também mudaram a própria forma de pesquisar, armazenar e sistematizar, as ferramentas de pesquisa e registro e mudaram inevitavelmente o perfil e a capacidade exigidos do pesquisador para acessar a maioria dos documentos de todas as áreas que passaram pela digitalização dos seus meios e processos (BORDINI, 2005; TESSITORE, 2005).

Este fato tem aspectos positivos. A velocidade é incomparável, a facilidade de se pesquisar de forma remota é revolucionária, a simplicidade técnica é inclusiva, o meio, a priori, é sustentável e preserva o meio ambiente, as conexões com outras áreas estão no mesmo local de pesquisa, o armazenamento beira o infinito, enfim, são muitas as otimizações de tempo, espaço, processo e recurso que os meios digitais nos proporcionam, cumprindo assim seu papel essencial de tecnologia.

Este artigo deseja discutir as implicações práticas destas novas ideias que alargam o conceito de acervo na concepção da plataforma digital *Louro do Pajeú*, que está em construção. Ela irá disponibilizar, de forma sistematizada, todo o acervo do poeta repentista de São José do Egito, Pernambuco, ficará sob a administração do Instituto Lourival Batista (ILB), entidade com sede física em São José do Egito, na casa onde viveu o poeta, e terá o endereço virtual www.lourodopajeú.com.br. A construção do seu protótipo é o meu produto final e requisito para a aprovação no mestrado em indústrias criativas da Universidade Católica de Pernambuco, mas seus objetivos maiores são a digitalização e gestão do acervo do poeta, segundo todas as possibilidades operacionais e semióticas contemporâneas, e a inserção dessa memória e da cena atual da poética do Sertão do Pajeú, de forma especializada, coletiva e concentrada, no mundo das tecnologias digitais, onde hoje grande parte dos atores age individualmente. Para fins deste artigo, usarei o termo acervo para me referir ao material resultado da primeira parte da pesquisa histórica somado ao já existente no ILB, mas preservados sem as condições e sistematizações adequadas. Chamarei de produto a plataforma em si, o sistema que concentrará, sistematizará, cruzará, disponibilizará e conectará todos os dados deste acervo, tanto internamente quanto com os agentes externos do chamado ciberespaço.

Neste trabalho, a ideia contemporânea de acervo e as ferramentas digitais tanto foram desafios quanto serão facilitadores. Desafios porque nos mandaram ir além do que já tínhamos sobre o poeta, buscando outras abordagens e perspectivas diferentes e nos apontando a necessidade de uma pesquisa aberta que se propusesse a sistematizar tudo que fosse encontrado em um determinado espaço de tempo, sem formatos pré-fabricados ou impostos. Facilitadores porque permitirão o acesso a documentos e lugares, fisicamente inalcançáveis em pouco tempo, para chegar aos arquivos que compõem a história de quem andou por tantos anos, por tantos lugares e de diferentes formas, como é o caso de um poeta cantador.

Esse é o conteúdo deste artigo. A nossa experiência de conceber um conceito que fundamente a plataforma digital *Louro do Pajeú*, e suas possíveis inserções, através das tecnologias digitais, nos meios e públicos mais diversos. Um artigo que fala de memória e de tecnologia unidas pela literatura. O livro *Memória, literatura e tecnologia* (ANTUNES (org.), 2005), com artigos de vários autores da área, foi um grande parceiro nesta caminhada, junto a outros textos que também ajudaram, e foi um forte elemento para obter um argumento substancial nesta ponte que tentei construir entre a memória e o recurso tecnológico, através da poesia de Louro do Pajeú.

3.2. ACERVO LITERÁRIO

As mudanças na abrangência do conceito de acervo vieram a reboque de algumas transformações sociais e da chegada de novos terrenos de estudo e trabalho trazidas pela sociedade do conhecimento e pela revolução tecnológica digital, especialmente na área de comunicação.

São valiosas as contribuições de Maria da Glória Bordini, em artigo escrito no livro supracitado, para a assimilação dessa nova abordagem. Antes, porém, é preciso passar por termos e ideias que estruturam essa nova visão. Alckmar Luiz dos Santos (2005), antes de usar o termo ciberespaço, ele menciona o surgimento do saber internético, “na falta de melhor denominação”, para se referir à “produção de conhecimento em redes telemáticas”. No bojo das tecnologias digitais e de todas as suas possibilidades nasceu não somente outro meio ou suporte para abrigar saberes e informações, nasceu realmente outro campo, outro lugar, outro mundo entre tantos dentro das capacidades humanas. O ciberespaço é uma realidade, apesar de virtual, com natureza própria, com características específicas e com singularidades que individualizam sua composição e sua forma de se processar e condicionam a atuação dos que produzem sob seu espectro. É necessário, entretanto, ter cuidado com os equívocos que podem vir da sua aparente infinita capacidade operacional. Pelo menos dois desses problemas são bem comuns. Um problema ético, que vem da ilusão do poder ilimitado, que pode se tornar irresponsável e abusivo, e um problema prático, a hiperinflação informativa (SANTOS, 2005), que nasce da facilidade técnica do meio, onde todos podem fazer circular informações e saberes sem nenhuma credibilidade ou comprometimento com fontes e dados seguros, que desemboca numa enchente

de conteúdo com pouquíssimas gotas de confiança, o fenômeno contemporâneo das fakenews. Com a intenção de combater essas posturas, o ético e verdadeiro saber internético, dentro do ciberespaço, deve se orientar pelos pressupostos da credibilidade e segurança das informações e dos conteúdos, a transdisciplinaridade, como meio de testes mútuos entre os conhecimentos, que necessariamente catalisam um contínuo aperfeiçoamento recíproco e plural, e a aceitação do caráter aberto do trabalho neste espaço, como traço do perfil do pesquisador desta área, intensamente passível de atualizações e explorações de novas formas e ritmos de conhecimento. Essas considerações são fundamentais na reconstrução do ambiente onde o conceito contemporâneo de acervo é continuamente atualizado e onde o saber internético deve ser ético e responsável. Somente com equilíbrio e verdade evitaremos equívocos na construção desta novíssima possibilidade de inserção e atuação da raça humana que é o ciberespaço. Precisamos resguardar o valor humano e construir um lugar onde “são os instrumentos informáticos que se põem a nossa disposição e não nós que nos colocamos à disposição deles” (SANTOS, 2005, pág. 26).

O hipertexto, e alguns correlatos dele, é outro termo que surge nessa nova safra de conhecimento e torna-se importante para ajudar no redirecionamento da ideia de acervo dentro do ciberespaço. Marisa Lajolo (2005) trata o tema de uma forma que para nós é atrativa por percorrer, para chegar até sua definição de hipertexto, um caminho que anda por dentro da teoria literária e aproxima mais este termo da mundanidade conceitual estrita do nosso objeto, que é o acervo de um poeta cantador. O intertexto, ou intertextualidade, é visto aqui como o primeiro passo do hipertexto e permanece em seu estado inicial enquanto dura a linearidade, própria do suporte físico e completamente superada pelas tecnologias digitais. Desde Homero, Virgílio e Camões, desde os grandes filósofos e retóricos, passando pelos românticos e até pelos modernos concretistas, alusões, citações, paráfrases, paródias, epígrafes e mesmo diálogos intersemióticos, artesanais como nas pinturas rupestres ou industriais como nas revistas em quadrinhos, fazem o leitor, hoje usuário, conviver com essas reentrâncias e intersecções de textos. Ao ser capaz de quebrar a hierarquia, a ordem, ou qualquer linearidade que exista intrínseca a determinado conjunto de textos e arquivos, a capacidade técnica e operacional das novas tecnologias digitais deram vazão à ideia do hipertexto, este entendido como o total das conexões e alusões múltiplas e simultâneas, que a internet é capaz de fazer com

um conjunto de informações e conhecimentos sobre determinado objeto (LAJOLO, 2005). De tão dinâmico este movimento também abrange a inumana pluralidade de linguagens e formatos que cabem no ciberespaço, a ponto de horizontalizar as relações entre os arquivos, e rebatizar o fenômeno original com o termo transtextualidade, ou até mesmo relativizar o sufixo “texto” e já apontar para conceitos como hiperlink e transmidialidade.

É considerando este ambiente de convergência transmidiática que Bordini (2005) escreve sobre o que deve ser notado de novo no momento de se administrar um acervo na era digital, especialmente um acervo literário. O termo aqui não adquire o caráter estático do arquivo, nome geralmente indicativo da massa física guardada, dos elementos materiais, nem o caráter depositário da palavra espólio, que traz uma discussão sobre propriedade que não interessa aos propósitos literários. Acervo, para Bordini e dentro do ciberespaço, “não deve ser vista apenas como uma entidade depositária, mas como elemento estruturante que confere aos materiais a ele vinculados uma identidade dentro de uma rede de relações” (BORDINI, 2005, pág. 39). Essa visão tem implicações inclusive para a teoria da literatura, que pode ter seu foco retirado da centralidade do texto em si e alcançar outras nuances da produção e de quem produziu. Nesse sentido, encarado como uma “entidade espaço-temporal dinâmica”, o acervo se torna capaz de sobrepor temporalidades e subjetividades e de enredar também discussões a cerca do papel do sujeito que o administra. Se o acervo é um objeto “socialmente construído” traz diluídos em seu plasma “as intenções de sentido e as valorações dos seus encarregados”, ou seja, a depender de quem se ocupe de determinado acervo este pode ter uma ou outra conotação, uma ou outra função, independente, e às vezes até confrontante, do conteúdo que carregue. Bordini (2005) chama a atenção para o que pode decorrer deste desencontro entre conteúdo e inserção social, já que tudo novo vem acompanhado de algum aspecto que exige cuidado, como a dessubstancialização do objeto. Se não for bem trabalhado pode se diluir entre a virtualidade e o simulacro próprios do ciberespaço e se perder em meio a uma “dança matemática de bits e bytes eletrônicos” e sua “possibilidade infinita de recombinações”. Estes recursos nos fazem acreditar num reflexo da coisa, por ele ser tão palpável quanto a coisa realmente é e mais passível de movimentos do que a coisa realmente consegue ser.

Dosar a tecnologia na medida certa, não descaracterizando a essência do conteúdo e conseguindo tirar do suporte todo o seu potencial operacional, é um desafio para quem deseja trabalhar com a obra de um poeta nascido em 1915, quando tudo isso era futuro, e as pontes devem ser feitas com respeito e equilíbrio. Com certeza para a catalogação é um ganho sem precedentes. A possibilidade de se arquivar absolutamente todo o conteúdo sobre algo ou alguém, de sistematizar e colocar a disposição de pesquisadores de todo o planeta é de valor incalculável. A preservação física das obras em condições ideais de manutenção é um ganho para o artefato e a digitalização é uma virtude para o pesquisador, que pode agora analisar seu objeto em um lugar que reúne o que ele precisa para seu estudo, entre ferramentas e conteúdos correlatos no ciberespaço, através do hipertexto, do hiperlink e de toda a atmosfera transmidiática. Do ponto de vista executivo, o mundo tecnológico traz para os acervos literários digitais um desafio relativo à legislação. O processo de elaboração das leis não acompanha o tempo das transformações digitais e o chamado direito da internet não possui ainda um corpo legislativo e uma jurisprudência pacificamente entendidos. Com isto, aspectos importantes dessa discussão, como direitos autorais e dividendos de herdeiros em cessão de obra, por exemplo, ainda geram muitas incertezas e diferentes interpretações, carentes que são de adequações necessárias entre a vida civil real e a vida civil virtual.

É importante afirmar que nem de longe as questões que podem adquirir um aspecto negativo se comparam aos benefícios trazidos pelas possibilidades tecnológicas para os acervos de um modo geral. Eles foram retirados de um quarto amontoado de papéis velhos e lançados pelas incontáveis janelas em um horizonte sem fim onde voam muitos outros diferentes papéis, todos ávidos por se conhecerem melhor, se juntando ou se afastando, a depender de que lugar do chão a gente os veja voar.

3.3. LOURO DO PAJEÚ E O INSTITUTO LOURIVAL BATISTA (ILB)

São José do Egito é a Terra da Poesia. Este fato e alcunha são proposições pacificadas entre os amantes, conhecedores, estudiosos, atores e produtores da Cultura Popular no Nordeste Brasileiro (CIRANO, 2009; COSTA, 1985; CUNHA MELO, 2001). A Região Político-Administrativa do Sertão do Pajeú, em Pernambuco, firmou-se pela sua arte, sua produção cultural e pela irreverência inteligente do seu

povo. Entre as manifestações, a música e a poesia popular, sob a mesma matriz da oralidade, revelaram uma lista enorme de homens e mulheres que em meio às dificuldades resolveram cantar para viver e principalmente para não morrer. Nesse momento entra em cena o protagonismo Egípcio. Todo lugar do mundo tem poesia. Todo o Pajeú tem poesia. Mas o que se diz a respeito da história do repente, da cantoria de viola, da poesia oral do Brasil, é que nenhum outro lugar reuniu tantos poetas, projetando a todos e sendo por eles projetado para o mundo como uma terra e um povo feitos de encantamento poético.

Considerada a Capital Nordestina da poesia popular, a cidade de São José do Egito, a 402 km do Recife, é parada obrigatória para quem gosta de turismo cultural. Terra de Antônio Marinho (que foi o mais respeitado violeiro-repentista nordestino), dali também saíram Dimas, Otacílio e Lourival Batista (este último consagrou-se como rei dos Trocadilhos). (...). Atualmente, dezenas de poetas dão continuidade a essa arte. (CAVALCANTI, 2007, p.80)

São incontáveis os poetas de São José do Egito, e todos possuem seu valor singular, mas existe uma figura símbolo de tudo isso. Alguém que por seus traços comportamentais agregadores e por sua participação em determinados eventos considerados marcos para toda a sua classe e para a cantoria de viola, se tornou naturalmente, mais que um poeta, uma marca da tradição poética de sua cidade e da sua região. Lourival Batista Patriota, Louro do Pajeú, o Rei dos Trocadilhos, Terceiro Faraó da Dinastia do Repente (COSTA e outros 2015; VASCONCELOS, 2014; VERAS, 2004;). Ou seja, não só pela qualidade da sua verve poética de repentista, mas também, e, talvez, principalmente, pela sua forma de se relacionar com a poesia, com quem a procurava nele e com seus irmãos e irmãs de profissão, Louro tornou-se o poeta dos poetas de São José. E mesmo tecnicamente falando Louro guardava uma singularidade. A quase extinta habilidade que o acompanhava prodigiosamente em seus improvisos, o trocadilho, também o diferenciou entre os seus pares (LEITE FILHO, 1982). Enumero a seguir alguns momentos protagonizados por ele que ultrapassaram sua esfera pessoal e são importantes para a poesia popular.

A grande expedição do então Secretário de Cultura do Estado de São Paulo, Mário de Andrade, nos anos 1937/38, que catalogou as manifestações folclóricas do Nordeste, já registrou Louro, aos 22 anos, como um dos grandes repentistas do Brasil e associou o nome de São José do Egito ao mundo do repente para os meios de comunicação do chamado sul do país. A primeira cantoria realizada em um teatro no Brasil foi organizada pelo então presidente do Diretório Acadêmico da Faculdade de

Direito do Recife, Ariano Suassuna, em 1946, no Teatro de Santa Isabel, e contou com a presença dos Irmãos Batista (Louro, Dimas e Otacílio). O primeiro congresso de violeiros do Recife, no mesmo teatro, organizado por Rogaciano Leite, também contou com a trindade, sempre encabeçada por Louro. Grandes viagens coletivas que levaram o repente da zona rural nordestina aos grandes centros do Brasil e da América Latina nos anos 50, 60 e 70, como as do produtor italiano Giuseppe Baccaro, também tinham Louro entre os protagonistas. O primeiro repentista a ser incluído em grandes coleções de pesquisa histórica, junto com seus irmãos, foi Louro do Pajeú (DELTA LAROUSSE, Ed. 1971). Esteve entre os primeiros repentistas a gravar LPs, participar de filmes, ser tema de especiais de televisão e rádio e ser pauta de jornais do estado e do país. Na década de 80, já idoso, Louro recebe um sem número de homenagens das mais diversas instituições, pelos relevantes serviços prestados à cultura brasileira, e leva o repente ao lugar de honra de diferentes contextos sociais. Em 2009, no centenário de São José do Egito, Louro foi escolhido como a grande personalidade da história de sua cidade, o Egipciense do século, e recebeu do Estado de Pernambuco, *in memoriam*, a Medalha da Ordem dos Guararapes, mais alta comenda concedida pelo poder executivo estadual.

E com essa dimensão histórica chegamos ao Instituto Lourival Batista. Desde o fim dos anos 40 que a data do nascimento de Louro virou algo maior. Dia 06 de janeiro. O dia de Reis. Aniversário dele e o ponto alto da reunião de poetas e poesia. Luiz Gonzaga, Patativa do Assaré, Gilberto Gil, Capinam, Alberto da Cunha Melo, Marcus Accioly, Vital Farias, Zé Marcolino, Xangai, Cátia de França, Geraldo Amâncio, Pinto do Monteiro, Ézio Rafael, Câmara Cascudo, Gregório Bezerra, Mocinha de Passira, Graça Nascimento, Orlando Tejo, Miguel Arraes, incontáveis cantadores, anônimos e muitos outros nomes da música, da poesia, das artes, do jornalismo e da intelectualidade brasileira do Século XX, visitaram a casa de Louro ou em seu aniversário ou em outra data. Mesmo depois da morte dele, em 05 de dezembro de 1992, a sua família e o povo de São José do Egito continuaram a comemorar seu aniversário. De 1993 até 2005. Em 2005, Dona Helena, a viúva do poeta e grande incentivadora da permanência do encontro anual, faleceu. A residência foi fechada e de 2006 até 2010 não aconteceu nada na “Casa do Repente” (assim foi escrito na placa posta na parede da casa pela FUNDARPE -Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco) em homenagem aos 74 anos de Louro, em 1989), a não

ser a visita da própria família ao lar fechado, sem habitantes. No ano de 2011, no dia 06 de janeiro, moradores da Rua Domingos Siqueira, onde Louro morou quase toda a vida, resolveram juntar um grupo de poetas, músicos e apologistas, fizeram uma feijoada e realizaram o primeiro Forró de Louro. Diante desta prova do envolvimento da cidade com a figura de Louro, a família do poeta resolveu criar o Instituto Lourival Batista - A Casa do Repente, em funcionamento desde 2013. A entidade deseja e tem se empenhado pela recuperação, a catalogação e a preservação de todo o vasto acervo de Louro e pelo diálogo crescente e construtivo entre a ancestralidade e as novas formas poéticas de São José do Egito e do Sertão do Pajeú e destas com os fazeres poéticos de outros lugares do Brasil e do Mundo. Isto acontece desde 2012, no festival de poesia que o dia seis de janeiro se tornou ao se transformar na Festa de Louro, maior ação cultural da entidade no momento.

O desejo principal da instituição, entretanto, para além de eventos e da digitalização o acervo do poeta, com todas as conexões que forem sendo tecidas pelos mais diversos atores em torno de seu nome e de sua obra, é criar um terreno virtual, por enquanto esta realidade ainda carece desta ferramenta, onde a conexão entre memória e contemporaneidade poéticas seja evidenciada e aprofundada, através da participação das novas gerações de poetas. Foi para preencher essa lacuna que a construção da plataforma digital *Louro do Pajeú* se transformou em meu projeto de protótipo para o mestrado e em missão de vida, visto que sua natureza, já discutida dentro da revolução tecnológica, exige um formato sempre aberto de construção e um ininterrupto processo de aperfeiçoamento e otimização de conteúdos e ferramentas. Um lugar que além de concentrar os dados sobre o poeta e sua obra, o que facilita e estimula a ação do pesquisador inicial ou experiente, submete esse conteúdo a aferições sob condições contemporâneas, vencendo temporalidades, e conectando sua dimensão estética e sua postura discursiva ao momento atual, reforçando a identidade entre a obra de um poeta e a história de seu povo, inclusive o futuro onde ele não estará vivo, mas se fará presente pelas conexões que sua poética pode fazer com o presente, se tiver condição de ser analisada, como terá em nosso acervo.

Tem sido um experimento, visto que a própria junção das duas áreas, acervo literário e mundo digital, é relativamente nova, e até quem já possui um modelo testado e experiências bem sucedidas de gestão, como o Instituto Miguel Arraes e o Instituto

Osman Lins, analisados como similares, recorre a apostas e inovações diante das possibilidades que aparecem junto com as frequentes mudanças tecnológicas. Em um meio que corre alto risco de reforçar o lado negativo e homogeneizante da globalização, como o meio digital, é importante que as indústrias criativas reforcem a diversidade e a pluralidade semiótica da nossa cultura popular, ajudando a projetar saberes e arranjos produtivos locais que se bem trabalhados e respeitados com políticas públicas e tecnologias certas, podem se transformar em vetores de identidade cultural, arte-educação, fortalecimento político e melhoramento econômico e material.

3.4. O ACERVO DO ILB. CONEXÕES E POSSIBILIDADES

A pesquisa, feita pelo historiador Eduardo Neto, a princípio não estipulou limites materiais ou formais. O limite estabelecido foi de um período para pesquisar. Durante sessenta dias se pesquisaria, de forma remota, Louro do Pajeú, em várias instituições brasileiras, mais fortemente pernambucanas, por questões óbvias. Sem nenhum recorte ou direcionamento prévio. Apenas o nome de Louro seria a palavra-chave de todas as investigações. O que aparecesse na pesquisa seria o ponto de partida e o próprio material guiaria o método de sistematização do acervo. Claro que tínhamos um caminho mínimo e ele começava pelo Jornal do Commercio e o Diário de Pernambuco, a Rádio Tabajara de Campina Grande, conhecida pela divulgação que fez da cantoria nordestina, os filmes já conhecidos, a UFPE e a UNICAP, a Rede Globo, a gravadora Rozemblit, a Fundação Joaquim Nabuco, o Espaço Pasárgada, a Editora Massangana, o Instituto Miguel Arraes, o Jornal do Brasil, a Rádio Nacional, a Editora Bagaço e os acervos pessoais de Giuseppe Baccaro e de Orlando Tejo. O que viesse a aparecer entraria por estas portas, pelo menos para fins do acervo inicial e do protótipo. Mas nada foi colocado nem fora do espectro nem como elemento principal. Desta forma o acervo seguiria um planejamento metodológico depois de ter os materiais catalogados e a principal intenção seria estabelecer pontes entre eles. As conexões com outros documentos e acervos não caem do céu pela simples soltura do material na internet e serão dimensionadas e postas em evidência mais fortemente pela própria vivência e convivência, dos produtores e dos usuários, com a plataforma, mas temos que de antemão apontar caminhos que pelo menos em nossas projeções fortalecerão essas conexões e esses potenciais hipertextos e hiperlinks.

Assim como este artigo, a digitalização inicial do acervo de Louro do Pajeú e o próprio Instituto Lourival Batista estão em plena concepção. Seu primeiro formato, seu ponto de partida, ainda está sendo pensado e feito. Por limitação financeira somente a parte de memória do acervo será feita para fins de conclusão do curso. A parte que traz a contemporaneidade para a plataforma, composta por uma rede social para poetas e por ferramentas de interação entre eles, entre eles e os usuários e entre estes últimos, exige sistemas de computação mais caros e a conclusão do produto ficará para um segundo momento. Com a plataforma já no ar, submetida ao mercado e ao mundo real e aperfeiçoada pelo fazer cotidiano, ações que visem o financiamento coletivo, através de um plano estruturado de parcerias e patrocínios, reunirão os recursos e a equipe necessários à conclusão deste projeto. Vale ressaltar que o acesso aos arquivos do acervo, resguardados os produtos feitos com o interesse comercial específico e os direitos autorais vindos de uso de obras em outros produtos que também serão comercializados, serão gratuitamente disponibilizados no próprio espaço de exibição.

Em um primeiro momento a pesquisa deu um retorno plural do ponto de vista de linguagens, embora não se possa negar a superioridade numérica das matérias de jornal, e a esmagadora maioria do Diário de Pernambuco, com matérias em vários anos de todas as décadas, de 1940 até começo de 1990, com a morte do poeta em 1992, o que já pode ser um localizador inicial para futuras conexões. Um perfil editorial pode ser traçado, através da opinião e da abordagem do jornal ao longo dos anos sobre a cantoria de viola, investigando a contribuição que esse veículo teve na trajetória de poetas populares no estado e para a projeção da cantoria na imprensa nordestina. Matérias sobre outros poetas e outras linguagens populares podem ser bons caminhos para estudos comparativos e qualitativos, por exemplo. As fotografias contidas nessas matérias também podem fazer conexão direta com outra área da arte e da comunicação que quase sempre acompanha as notícias e é por si só capaz de contar histórias e gerar bens, discursos e significados autônomos dentro das narrativas transmidiáticas que se tornaram os acervos em tempos de revolução digital. São 117 matérias que representam uma generosa hemeroteca para início de processo. Jornais de diferentes regiões do país que podem oferecer um panorama de como a cantoria era percebida e localizada de uma forma geral e as diferenças dessa percepção do Nordeste para as outras partes do Brasil. Esse setor conta ainda

com sete números da revista *O Cruzeiro*, que pode sinalizar uma exceção entre as publicações e ilustrar como esta arte popular chegou até públicos *a priori* distantes de seu espectro de consumidores.

Três dissertações (*De pés-de-parede a festivais: um estudo de caso sobre o repente nordestino na grande São Paulo*, de Gustavo Magalhães Lopes, *A poética do improviso: prática e habilidade do repente nordestino*, de João Miguel Manzolillo, e *Entre a feira e o teatro. A dinâmica dos repentistas em Pernambuco (1900-1948)*, de Cícero Renan Nascimento Filgueira), um artigo científico (*Cantoria de viola: expressão de alegria e esperança do povo nordestino*, de José Maria Tenório Rocha) e quatro livros de escrita livre (*Louro do Pajeú, o rei dos trocadilhos*, de Aleixo Leite Filho, *Lourival Batista Patriota*, de Ivo Mascena Veras, *Um certo Louro do Pajeú*, de Alberto da Cunha Melo, e *O rei me disse fica, eu disse não*, de Maria Helena Marinho, Marcos Nunes da Costa e Raimundo Patriota) formam o conjunto primeiro de publicações conectadas a Louro do Pajeú e sua obra. Estes títulos podem nos oferecer um perfil inicial do pesquisador da obra de Louro e as deficiências que ele tem encontrado, no sentido de resolvê-las com a inserção de saberes outros no processo, as abordagens que ainda não foram feitas e devem ser incentivadas, para aumentar e enriquecer o repertório de visões sobre o poeta, e um caminho que perpassasse todas essas argumentações feitas até agora, no sentido de declaradamente se fornecer subsídios para a construção de uma tese de doutoramento que inove conceitualmente sobre ou a partir da obra e do acervo de Louro do Pajeú. A formação heterogênea dos autores, que são pesquisadores de filosofia, folclore, letras, poesia, antropologia e história, pelo menos, pode também sugerir pontes entre a poesia de Louro e outras áreas do conhecimento e da linguagem, que devem ser investigadas e absorvidas pelo acervo.

Dois discos LPs em vinil (*Cantador, verso e viola: violeiros do Pajeú*, Rozemblit, 1973, e *Música popular do Nordeste*, Discos Marcus Pereira, 1973), que representam outros que virão, como o *Pinto do Monteiro – vida, poesia e verdade*, conteúdo pertencente à Fundação Joaquim Nabuco, já solicitado por nós, mas ainda não enviado ao nosso acervo, são mostras da sua inserção no mercado fonográfico, escolha que teve bons desdobramentos para a cantoria, como a gravação por parte de vários nomes da música popular brasileira de músicas compostas por poetas populares, sobre eles ou sob sua estética. Zé Ramalho e Amelinha (*Mulher nova, bonita e carinhosa*), Alceu Valença (*Martelo alagoano*), Antônio Carlos Nóbrega

(*Carrossel do destino*), Gilberto Gil (*Procissão*), Maria Betânia (*Luar do Sertão*), Caetano Veloso (*O querer*), Lenine (*Miragem do porto*), Djavan (*Violeiros do Nordeste*) e Elomar (*O violeiro*) são exemplos bem representativos.

Cinco documentários fazem a ligação de Louro com o cinema, através de obras do cinema pernambucano autoral contemporâneo. São portas para conexões com aspectos narrativos próprios de outras linguagens e podem ajudar a pensar novas formas de fazer poesia, para além dos recursos textuais e literários. *Bom dia, Poeta!* (2015), que explora o cotidiano poético da cidade de São José do Egito através de depoimentos de familiares e amigos de Louro, mesclado com as falas de poetas que o conhecem apenas como memória, e *Rio Feiticeiro* (2019), que traça uma projeção para o desenvolvimento dessa tradição, seguindo o curso do Rio Pajeú e fazendo um panorama das iniciativas culturais da atualidade na região, de Alexandre Alencar. *O Silêncio da Noite É que Tem Sido Testemunha das Minhas Amarguras* (2018), que recorta essa mesma atmosfera poética a partir da vida e da figura da poeta Severina Branca, de Petrônio Lorena. *Saudade* (2018), que busca as particularidades da relação da poesia do Pajeú com o sentimento de saudade e com a palavra que o exprime, de Paulo Caldas. E *Não Tem Só Mandacaru* (2016), que traz as novas gerações se encontrando em situações contemporâneas da poesia, como a Festa de Louro, de Tauana Uchoa. Neste mesmo terreno audiovisual, onze vídeos caseiros, filmados sem estrutura técnica ideal, e talvez por isso mais valiosos como documento, mostram aniversários de Louro com a presença dele, sua intimidade e sua forma de receber os convidados. Nestes vídeos pode se assistir a muitos poetas já falecidos, contemporâneos de Louro, em peças valiosas para quem quer ter proximidade com a cantoria em sua forma mais artesanal, e outros, ainda bem jovens nos vídeos, que hoje são nomes bem conhecidos da poesia e da música do Nordeste. Com este material doméstico é possível mensurar a importância de Louro e da cantoria de viola na vida artística deles e os desdobramentos dessa aproximação.

Um programa especial da Rede Globo (*Causos e cantos – 100 anos de Louro do Pajeú*), gravado em 2015, trouxe a linguagem televisiva para o conjunto do acervo. No ano do seu centenário, o poeta foi homenageado pelas novas gerações da poesia, mostrando o quanto seu legado poético e comportamental ainda está vivo na memória do Sertão do Pajeú e dá sentido real à existência de um acervo cuidado e sistematizado com a atenção que merece.

Quadros e esculturas da figura de Louro, cordéis em sua homenagem, placas, condecorações, bengalas, cartas, manuscritos, violas e livros de sua biblioteca são outro conjunto de artefatos físicos que serão registrados no mais adequado suporte digital e farão parte, distribuídos em sessões diferentes, do acervo e da plataforma.

A necessidade de apontar estas primeiras possibilidades de desdobramentos e conexões do acervo digital de Louro com outros saberes, linguagens e atores, vem do fato de ser esta parte a que ainda será gradativamente realizada, mediante as ações de gestão e financiamento que serão executadas depois de vencida a etapa acadêmica. É uma lista que eu mesmo, enquanto administrador do acervo, espero percorrer e ver aumentada pelos próprios atores diversos com os quais o produto entrará em contato na atividade de construir esta rede de conhecimento ao redor do nome de Lourival Batista.

3.5. CONCLUSÃO

Apesar deste artigo falar de um acervo que ainda não conseguiu ser explorado em sua potencialidade total, estas palavras conclusivas são de alegria. Por dois motivos. Primeiro porque, mesmo sem ter conseguido realizar a segunda parte do projeto, apenas a reunião das peças que inicialmente compõem o acervo já trazem intrinsecamente um bom número de conexões e intersecções com outros saberes, linguagens e suportes. O olhar acadêmico sobre a obra de Louro, o olhar do livre pesquisador e escritor, a lente de diferentes gerações do cinema, a perspectiva da estética televisiva, do artesanato, da pintura, da fotografia, do cordel, o olhar dos artistas influenciados por ele, tudo sob uma primeira indexação e separação por categorias, linguagens e datas, já formam um bom apanhado de conteúdos que ultrapassa a obra em seu sentido textual mais estrito, permite uma múltipla visão sobre Louro e configura uma rede de conhecimento complexa e diversa ao redor de sua produção. Ou seja, mesmo contendo apenas a parte de memória catalogada, podemos, considerando as ideias mais contemporâneas sobre o termo, chamar o material que temos até agora de acervo e administrá-lo segundo as novas concepções do tema trazidas por Bordini (2005), Lajolo (2005), Santos (2005), Mattes (2005) e outros, que não só são aceitas por nossa visão como são encorajadas e comemoradas por ela.

O segundo motivo que me alegra é o tamanho do desafio que me espera. Antes de tudo ele é infinito, porque infinita é a capacidade de renovação de uma obra poética, por meio de diferentes abordagens e visões. Depois porque sua natureza aberta exige a junção de diferentes pessoas e necessariamente me manterá junto de uma constante atualização dos conceitos e práticas que já guiam meus estudos e meu trabalho. E finalmente porque o detalhamento cada vez maior e o apuramento sempre mais específico de cada aspecto da obra e da vida de Louro, com todas as outras realidades com as quais ela dialoga, pode me fornecer o caminho para um prosseguimento nos estudos e a realização de uma tese de doutoramento a partir dele, já sugerida como possível desdobramento da criação da plataforma. E, por fim, pela certeza de que a própria vivência da plataforma, seu exercício, suas ações e empreendimentos serão os grandes professores do nosso fazer para além da teoria e serão suficientes os seus resultados, do ponto de vista financeiro, para a conclusão da etapa que por enquanto ficará apenas em projeções.

A natureza inconclusiva do produto, a pluralidade técnica inerente ao seu melhoramento, a sustentabilidade do seu processo e do seu suporte e a presença do talento individual como matéria-prima principal da cadeia produtiva onde ele está inserido fazem este produto um legítimo bem das indústrias criativas. Por este motivo ele é encarado também, para além da estética que traz essencialmente, como um modelo de administração de um bem cultural, apto a ser protegido pelo regime da propriedade intelectual e gerar dividendos financeiros e simbólicos para os detentores dos seus direitos autorais e/ou executivos. A soma da sua natureza poética e lúdica com sua estrutura tecnológica e sua capacidade econômica faz que o acervo de Louro do Pajeú e o Instituto Lourival Batista sejam já, mesmo em fase de construção, vetores dinâmicos de conhecimento, capazes de se travestirem de saber internético para agirem no ciberespaço e inserirem no cenário transmidiático das relações da sociedade do conhecimento, uma indústria criativa alimentada pela inspiração de um poeta e por todas as conexões que ela infinitamente faz.

4. O PRODUTO

O Sertão do Pajeú é um território de grande fertilidade e qualidade artística e cultural. Em muitos segmentos da arte este pedaço do sertão pernambucano tem protagonizado acontecimentos importantes dentro da cena cultural do Nordeste brasileiro. Há um fato, entretanto, que é pacífico entre os atores culturais da região. A poesia é o principal fruto/produto da criatividade do povo pajeuzeiro. É a poesia que pesquisadores, artistas, intelectuais, cineastas, jornalistas, fotógrafos e outros mais buscam nas visitas que fazem às nossas cidades, notadamente São José do Egito, protagonista desse processo, conhecida, no Brasil e no exterior, como Terra da Poesia, Berço dos poetas populares do Nordeste. No passado e no presente é assim que São José do Egito tem sido conhecida e reconhecida. “Dizem que as crianças que nascem em São José do Egito, pátria e reino dos maiores cantadores violeiros de que se tem notícia, quando vêm ao mundo já choram metrificado.” (TEJO, 2003,).

A poesia de São José do Egito é derivada da tradição da cantoria de viola nordestina. Antes de continuarmos é necessário um pequeno delineamento teórico. O que é a cantoria de viola? No dizer do jornalista, poeta e estudioso da poesia popular, Bráulio Tavares, a cantoria de viola nordestina é o “espetáculo em que dois poetas se enfrentam improvisando versos ao som da viola, dentro de formas poéticas tradicionais e obrigatórias, de acordo com sua própria inspiração e com pedidos da plateia”. (TAVARES, 2016, p. 9). Esta especificação é necessária porque a viola é um instrumento tocado no Brasil inteiro e de várias formas e a palavra cantoria também alcança diferentes acepções, dependendo da região do país em que nos encontremos.

No Nordeste a cantoria de viola é sinônima de poesia de improviso. E em São José do Egito, mesmo quando os poetas não são repentistas, termo abrangente usado para indicar os que improvisam suas estrofes sob qualquer estética, escrevem seus poemas no papel e decoram para declamar posteriormente, a estética que domina a produção poética egípcia é totalmente ligada aos estilos e regras da cantoria. Isto é fato e esta localização estética nos coloca no colo da oralidade, da poesia oral, a poesia dita, recitada e cantada.

A poesia é oral quando da oralidade - da fala como modo de uso da língua - originam-se ferramentas fundamentais para sua própria construção. Quando recursos

que a fala oferece fazem diferença na construção do poema. Existem versos dos poetas mais antológicos do Nordeste que escritos no papel, de forma literal e desconsiderando os aspectos orais, ficam desmetrificados e, conseqüentemente, perdem um pouco do refino estético que poderiam ter. Mas na fala, através do uso da elisão na pronúncia, da melodia do repente ou do hiato poético, por exemplo, coloca-se o verso dentro daquelas regras tradicionais e obrigatórias que cada estilo exige. Ou seja, a nossa poesia é essencialmente falada e os recursos que usa são muito mais da fala do que da escrita.

Esta particularidade, pelo apelo comunicativo que a envolve, até ajuda na construção do alumbramento que a poesia oral, improvisada ou não, causa no público, envolvido, além da letra do poema, pelas expressões faciais e corporais, pelos gestos e pela variação de entonação e timbre da voz do interlocutor, pelo som do instrumento, além de recursos como figurino, maquiagem, iluminação, cenário etc.. Mas este arcabouço imagético gera um problema para a poesia oral: o arquivo. Como catalogar algo que tem na sua essência a distância da forma primária de registro, que é a escrita? E outra. Se optarmos por escrever, como já foi feito em muitas antologias de poetas populares do Nordeste, como fazer isto sem mexer na estrutura essencial das estrofes? Esse é um dos pontos fundamentais de atuação deste produto.

Com esse lugar de São José do Egito já incorporado por todos ou pela maioria dos que procuram o assunto, inclusive no âmbito da pesquisa acadêmica, vale uma breve análise sobre a figura de destaque de Lourival Batista, o célebre Louro do Pajeú. A trajetória dele se confunde com a da própria cantoria de viola. Além do seu talento particular e singular de repentista e trocadilhista incomparável, ele está diretamente envolvido com os personagens e eventos mais importantes da história da cantoria nordestina do século XX. Descendia dos primeiros cantadores do Nordeste, ainda do século XIX, como Agostinho Nunes da Costa, Ugolino do Teixeira, Nicodemos e Nicandro Nunes da Costa. Foi casado e teve oito filhos com Helena Marinho, primogênita de Antônio Marinho, considerado o pioneiro da poesia do Pajeú, primeiro repentista que fez a cidade de São José do Egito ser associada à poesia. Na primeira vez que a cantoria foi levada a um palco de teatro no Brasil, em 1946, pelo então estudante de Direito Ariano Suassuna, no Teatro de Santa Isabel, em Recife, Louro e seus irmãos, Dimas e Otacílio, foram a atração. O primeiro repentista a ser registrado por uma grande enciclopédia (DELTA LAROUSSE, 1971) foi ele. A primeira vez que

o repente seguiu em turnê internacional, com a produção do italiano Giuseppe Baccaro, os Irmãos Batista estavam de frente. São muitos exemplos. O fato é que a casa dele se tornou um lugar de referência para todos, inclusive os outros poetas. Era o espaço que tornava concreto o imaginário da poesia em São José do Egito. As paredes, que deixavam palpável a história do povo, feita com suor e rima. Foi este lugar que em 2013 se tornou o Instituto Lourival Batista. Mas, apesar de ser uma entidade protetora e promotora da obra de um poeta falecido, ela continua sendo passagem, pouso e referência para as novas gerações de poetas que sustentam a tradição do nosso fazer poético. E, apesar da roupagem institucional que as relações tomaram, pela necessidade de administração de todo o acervo do poeta, a casa continua sendo alimentada pelo talento de cada poeta que em parceria nos ajuda na formação educacional e cultural do nosso povo.

Hoje, o Instituto Lourival Batista coordena a ação mais forte dentro da cadeia produtiva independente da cultura no Sertão do Pajeú. A Festa de Louro, que acontece sempre de 03 a 06 de janeiro, desde 2012, tem sido o lugar de encontro e culminância da cena poético-musical do Pajeú e a oportunidade dessa região dialogar com o resto do Brasil e do mundo. Várias linguagens da arte fazendo e discutindo poesia. Outras ações, como palestras e oficinas em escolas, recepção de instituições e pessoas para visitas guiadas pela cidade, produção local para projetos culturais que são executados na região, consultorias e cessão de acervo, também acontecem durante todo o ano, mas sem regularidade.

A todo esse panorama, entretanto, falta uma via direta de acesso para os que não são conviventes dessa realidade. Falta a São José do Egito e à figura representativa de Louro do Pajeú, uma ferramenta que ajude seus poetas a pensarem de forma coletiva e articulada e um espaço virtual que sistematize o acervo do poeta. E é nessa lacuna que entra nosso trabalho, visando integrar a memória e a contemporaneidade da poesia de São José do Egito em um terreno (produto) em harmonia com os conceitos de produção e execução das Indústrias Criativas, o que nos tempos digitais nos empurra para a internet e para as redes sociais. Esse então é o nosso projeto: a criação de uma plataforma digital onde, além do acervo completo de Louro do Pajeú, as pessoas poderão encontrar poetas de agora. Poderão conversar diretamente com eles e acompanhar detalhes de suas produções. Será um espaço virtual onde de qualquer lugar seja possível conversar sobre o fazer poético.

O encontro para os próprios poetas, que muitas vezes não se encontram em meio à correria particular de cada um. É um passo definitivo para inserir a poesia de São José do Egito no mundo digital e no mapa das Indústrias Criativas no Brasil. Com esse projeto pretendemos criar um modelo de site que seja um produto alimentado pelo talento individual e artesanal, mas com o alcance de mercado e mídia que só as redes sociais e o progresso tecnológico proporcionam.

A plataforma ajudará inclusive a precisar dados que hoje são genéricos, apesar de toda essa densidade poética, visando realmente uma gestão coletiva. Quantos poetas existem de fato? Quantos mortos e quantos vivos? Quem vive da poesia e quem apenas faz dela apenas um hábito? Quem tem publicações? Quem tem discos ou canais digitais? Quem tem material pronto para publicar? Que iniciativas podem dialogar? Quanto a cadeia produtiva da poesia do Pajeú faz circular na economia da região? O que cada cidade tem de mais estruturado e mais deficitário dentro da cadeia produtiva da cultura? São perguntas que ninguém até hoje se propôs a trabalhar para responder. É muito conteúdo carecendo de uma sistematização que o faça melhorar seus resultados e alcances e esta sistematização é pretendida pelo nosso produto.

Dessa forma teremos uma plataforma de produção, divulgação, catalogação e venda desse produto poético, através das novas mídias e redes sociais, resguardando todos os benefícios da propriedade intelectual e dos direitos autorais dos participantes. A possibilidade de transformar um talento e os significados a ele atribuídos em propriedade intelectual dotada de valor material é a essência de uma indústria criativa.

A escrita/leitura, como já comentamos, pode comprometer a adesão da estrofe às estruturas técnicas para as quais se dispõe, mas foram elas, em quase dois séculos de cantoria no Nordeste, as formas mais usadas na hora de registrar os improvisos dos nossos poetas populares. Antologias e/ou livros colocam no papel muitos eventos e poemas que aconteceram no repente. Aí entra mais um personagem importante, o público ouvinte, que é o primeiro arquivista do poeta popular, e mais um problema para a poesia oral, a imprecisão da informação. Uma mesma estrofe pode ter várias versões de acordo com a memória, o conhecimento e até as preferências pessoais do ouvinte que, também oralmente, repassa a história para os que não a testemunharam.

Assim confirmam e dizem Ézio Rafael, Marcos Passos e Santanna, o cantador, no livro que organizaram com a obra do repentista João Paraibano.

Algumas considerações relativas a este livro foram cuidadosamente pensadas e discutidas pelos organizadores (...). Detalhes de ordem técnica ou relacionados à autoria, originalidade e perfis dos versos expostos foram questionados democraticamente. É que os versos, uma vez na boca do povo, trocam de autores, sofrem mudanças; estrofes ou linhas são alteradas, mudam de lugares (...) pelos ouvintes de cantoria, ou ate mesmo pelo seu próprio autor. (RAFAEL e outros, 2016, p.11).

Há um reforço de ordem prática de Bráulio Tavares sobre um material para pesquisa que colheu em noites de poesia popular. “Entre as citações, algumas se referem a cantorias gravadas em fitas por mim (...). Algumas falas são reproduzidas sem que eu me lembre de quem são. Procurei ser fiel ao que escutei, mas não sei mais quem o disse”. (TAVARES, 2016, p. 6).

Nosso site e nosso trabalho desejam entrar nestas lacunas de informação e arquivo. Somente o audiovisual, antes caro e inacessível, hoje barato e fácil, pode reproduzir um poema em seu estado estético mais puro, diante da sua capacidade de registrar som e imagem com a precisão mais próxima do real. O produto integrará o tempo real da tecnologia digital com a pureza estética do improviso falado que a oralidade pede. Será como uma grande sala virtual de uma casa sertaneja, com cantorias e recitais *on line*, assistidos remotamente pelo público, num ambiente acessível e democrático que garante as condições técnicas perfeitas para a produção do poeta popular, a informação segura para o público e o arquivamento dos versos como e quando realmente foram feitos. Tecnologia a serviço da identidade cultural de um povo e de um lugar. O produto poderá vir a ser o lugar de encontro de muitos e diversos atores. Com uma vantagem. A tela de um computador ou de um smartphone guarda um palco que pode ser visto com facilidade e pode transformar talento em criatividade, criatividade em arte, arte em produto e produto em venda, emprego, renda, cadeia produtiva, qualidade de vida e bem-estar social.

A revolução tecnológica trouxe importantes mudanças em muitos aspectos da produção humana. Na área de acervos literários, a possibilidade da digitalização revolucionou a forma de pesquisa, registro e sistematização de conteúdos. Conceitos como hipertexto, hiperlink, ciberespaço, saber internético, transtextualidade e transmidialidade retiraram as ideias de acervo, registro, arquivo e banco de dados da associação com a imagem de um quarto fechado, com poeira e mofo, para as quase

infinitas possibilidades de conexão que as tecnologias da informação nos trazem diariamente (SANTOS, 2005; LAJOLO, 2005; BORDINI, 2005; TESSITORE, 2005). A sociedade do conhecimento relativizou os valores materiais do industrialismo tradicional e fez o patrimônio imaterial, intelectual, científico e artístico, se transformar em valiosa e significativa riqueza na economia internacional. Assim sendo, os acervos digitais não são apenas a catalogação ou a lista de artefatos físicos ou objetos pessoais de alguém. São suas conexões com outros saberes, terrenos, atores e linguagens, que geram experimentalismos criativos e enriquecem o pensamento e o espectro de abordagens sobre um mesmo objeto. O acervo literário digital “não deve ser visto apenas como uma entidade depositária, mas como elemento estruturante que confere aos materiais a ele vinculados uma identidade dentro de uma rede de relações” (BORDINI, 2005, pág. 39).

Nessa atmosfera, nosso produto deseja desempenhar três papéis. Primeiro, ser o endereço onde estará catalogada, organizada, sistematizada e disponibilizada a totalidade do material que envolver o nome e a obra do poeta repentista Lourival Batista Patriota, Louro do Pajeú, de São José do Egito, Pernambuco, e suas conexões com outros saberes e fazeres; segundo, ser um local de encontro, troca, produção, construção coletiva, cooperação, disseminação e autofinanciamento da atual cena poética do Sertão do Pajeú; terceiro, evidenciar o diálogo estético e existencial entre tradição e contemporaneidade na poesia da região, usando a tecnologia como ferramenta de estruturação para uma cadeia produtiva ligada à arte poética, desde os processos mais íntimos e particulares de escrita do poema até a venda de bens culturais ligados à literatura.

Para isso será necessário que a feitura do trabalho aconteça em duas etapas: a da pesquisa histórica sobre Louro do Pajeú e a da construção do protótipo da plataforma digital com as conexões dos conteúdos catalogados na pesquisa. Este último também será dividido em duas grandes sessões, a da memória, que é o acervo propriamente dito, e a da contemporaneidade, que é a participação das novas gerações no desenvolvimento e na gestão da plataforma. Vamos a cada uma dessas partes.

A pesquisa está sendo feita pelo historiador Eduardo Neto sem definir nenhum direcionamento prévio, um crivo ou um padrão *a priori*. Os limites serão os dos

próprios bancos de dados pesquisados e o prazo estabelecido de sessenta dias para pesquisar, de forma remota, a vida e a obra de Louro do Pajeú em algumas instituições brasileiras, principalmente pernambucanas. Sem nenhum recorte de linguagem, suporte ou estado material. Apenas o nome de Lourival Batista será a palavra-chave de todas as procuras. O resultado que vier da pesquisa é que definirá o método de sistematização dos conteúdos. O Jornal do Commercio e o Diário de Pernambuco, a Rádio Tabajara de Campina Grande, os filmes pernambucanos já conhecidos sobre o tema, a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e a Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), a Rede Globo, a gravadora Rozemblit, a Fundação Joaquim Nabuco, o Espaço Pasárgada, a Editora Massangana, o Instituto Miguel Arraes, o Jornal do Brasil, a Rádio Nacional, a Editora Bagaço e os acervos pessoais de Giuseppe Baccaro e de Orlando Tejo serão os primeiros lugares pesquisados, pelo menos para fins do acervo inicial e da construção do protótipo.

Especifico que neste processo, a palavra “acervo” servirá para me referir ao material resultado da primeira parte da pesquisa histórica somado ao já existente no ILB, mas preservados sem as condições e sistematizações adequadas. A palavra “produto” (ou protótipo) designa a plataforma em si, o sistema que concentrará, sistematizará, cruzará, disponibilizará e conectará todos os dados deste acervo, tanto internamente quanto com os agentes externos do chamado ciberespaço.

O produto está sendo elaborado, do ponto de vista da computação, pelo programador Rafael Lira, presidente da SerDigital, empresa recifense com vários trabalhos que envolvem cultura e tecnologia. A primeira é intitulada de *Louro do Pajeú* e a segunda de *Vate-papo*.

A sessão *Louro do Pajeú* dirá respeito à memória e guardará de forma sistematizada e conectada, com indexações cada vez mais específicas e detalhadas, os conteúdos resultados da pesquisa e os que forem incorporados depois da fase acadêmica. Aqui o sistema dará ao usuário a oportunidade de cruzar imagens, textos, vídeos, notícias, estudos, depoimentos, lembranças e desdobramentos de um mesmo fato da vida do poeta, sobrepondo linguagens, suportes e discursos e aprofundando o significado de cada objeto, de cada conteúdo. O mesmo arquivo poderá ser posto em mais de um lugar da plataforma ou em todos, dependendo do seu alcance e da sua pertinência com o tema de cada ícone.

A segunda sessão, o *Vate-papo*, traz a contemporaneidade da cena poética para a plataforma através da montagem de uma rede social de poetas. O objetivo é que as pessoas que fazem poesia no Sertão do Pajeú, mais especialmente as que fazem dela atividade profissional, se sintam convidadas a ter uma página particular dentro da plataforma. Um território discursivo independente da interferência do ILB, sob a responsabilidade civil e criminal do/da poeta. Um lugar para a promoção de suas obras, inclusive a venda de produtos. A intenção é que naturalmente todos sejam catalogados, na medida em que forem aparecendo na cena. É aqui onde se dará com maior intensidade o processo de interatividade com o público. Se na primeira sessão (*Louro do Pajeú*) a interação acontece muito mais entre usuário e obra/produto/plataforma/máquina, aqui o próprio artista poderá conversar diretamente com o consumidor/usuário, vender, promover e anunciar seus trabalhos, ou seja, a interação é entre pessoas, entre subjetividades. O que se deseja, entretanto, mais fortemente, é evidenciar o processo criativo desses poetas e a influência da tradição do repente em sua estética e em sua atitude como artista e cidadão e isso se dará por algumas ferramentas que foram pensadas inicialmente: o *PoemAgora*, o *PegandonaDeixa* e o *FalaPoeta*.

O *PoemAgora*. Autonomamente, do ponto de vista operacional, assim que começar a escrever algo, ou mesmo a se inspirar, enfim, no início do seu processo criativo, o poeta poderá acender, na página principal do site, uma luz verde, indicando que neste exato momento tem alguém fazendo poesia no Sertão do Pajeú. O processo criativo pode variar muito, mas geralmente envolve um lugar e um material físico, elementos suficientes para um vídeo que acompanhe em tempo real o esforço de compor. O acionamento deste ícone “obriga” o poeta, que despertou a curiosidade do usuário/seguidor quando este recebeu um aviso sonoro em seu smartphone, a publicar algo depois, revelando o fazer do poema. Nem que seja um recado dizendo que está “devendo uma publicação ao público”. Pode ser apenas a poesia escrita publicada no seu mural, mas o site incentivará que se publique um vídeo que contenha o processo criativo do artista, a intimidade inspirada. Não que ela seja mais importante que o poema, ela só é menos vista e queremos trazer essa relação particular entre poeta e forma de criar para a luz e para o centro da cena. Se um grande problema para o registro da poesia oral é a perda de certos aspectos valiosos quando escrita, o vídeo será sempre a captação mais fiel da fala e o meio pelo qual o poema pode

alcançar seu melhor ambiente para execução. Mas é o “pré-poema” que mais interessa aqui. A escolha da palavra certa, a divagação, o teste da métrica, o dizer para o espelho para testar a inteligibilidade, a angústia de achar o final melhor. É um local para o poeta despir-se da vaidade da obra pronta, sem defeitos, acertada em seus detalhes técnicos. É um local de mostrar o esforço por trás de uma boa declamação. O que faz de improviso, apenas ligará a câmera e fará o poema circular. Esta diferença no processo criativo é mais uma forma de evidenciar a cantoria de viola como a grande matriz estética que alimenta a poesia popular do Nordeste e reforçar uma das grandes missões da entidade gestora da plataforma, que é o fortalecimento dessa manifestação dentro do cenário e do mercado da Economia Criativa do Brasil. O desejo é que em algum momento se consiga manter acesa a luz verde, a luz da criação, por muitos dias, revelando uma relação com a poesia vivida de forma coletiva e incomum nos dias atuais.

Outra ferramenta é a *PegandonaDeixa*. Decorre da primeira. Ao ver que um poeta acendeu a luz do *PoemAgora*, outro poderá se habilitar, acendendo uma luz azul, para, depois de ver a estrofe pronta, fazer um poema que tenha alguma relação com o primeiro. As estrofes podem se seguir até um deles ficar satisfeito e outros poetas também podem entrar na relação, designando qual estrofe escolhem para “pegar na deixa”. E assim pode se iniciar uma *Peleja Virtual*. “Peleja”, na poesia popular, é sinônimo de cantoria, de desafio de cantadores, mas aqui é usada de forma geral para definir livremente uma reunião de poetas, independente do formato que tenha. Será possível que vários poetas se interliguem através dessas duas ferramentas e se habilitem em fila para uma intervenção coletiva. Um *recital on line*, quando os poemas forem declamados de cor, e uma *roda de glosa virtual*, que é, presencialmente, a produção de estrofes no mesmo estilo, sobre o mesmo tema (mote) e por um determinado número de poetas, quando o improviso for um aspecto exigido.

Esses eventos também poderão ser agendados. Cada poeta ou o a plataforma como um todo programará intervenções poéticas virtuais, mediante ações colaborativas de financiamento coletivo junto a instituições e usuários parceiros. Entrevistas e transmissões ao vivo de apresentações também serão possíveis, inclusive com link direto com o Instagram, WhatsApp e Facebook. É um processo de

acesso já conhecido e realizado nestas redes sociais mundialmente usadas, singularizado pelo seu objeto e pelo público alvo do seu trabalho.

A terceira ferramenta de interatividade se dará no *FalaPoeta*. De concepção mais simples e conhecida, este é uma caixa de diálogo que o público terá direto com a/o poeta. Um “in box” para tratar questões mais particulares como compra e preço de produtos, por exemplo.

Lembramos que para o mestrado será entregue uma parte do sistema funcionando em protótipo, visto que para a realização total do produto é necessário um trabalho de promoção e patrocínio, dada a limitação financeira do Instituto Lourival Batista, que não é possível dentro desse momento acadêmico, onde precisam se substanciar o estudo e a conceituação do objeto. O próprio fazer da plataforma e a relação entre o desejo e a possibilidade real das ferramentas que temos à disposição, serão o polimento e o aperfeiçoamento. Vale ainda dizer que a administração será compartilhada com todos os poetas envolvidos e catalogados. Um contrato padrão de natureza civil regerá a relação dos artistas com o Instituto Lourival Batista e com a plataforma digital, respeitando os direitos autorais e de imagem de um lado e garantindo o financiamento coletivo da manutenção da plataforma, pelos que a usarão como suporte, por meio de porcentagem sobre as transações financeiras (vendas de produtos), do outro.

A princípio é isto, mas como em todo produto que envolve talento e arte a realidade do fazer se imporá e nosso esforço será também no sentido de direcionar suas imposições em favor do nosso desejo e do nosso impulso criativo. O Instituto Lourival Batista é um fato. Nosso desafio é fazê-lo palpável para os que não podem visitar São José do Egito. Mas não somente dar concretude às suas paredes ou digitalizar seus livros. Deseja-se que o usuário sinta a atmosfera incomum e transcendental que envolve a poesia da cidade e consiga não ver fronteira entre tradição e agora, virtual e real, poesia e tecnologia. Queremos que fique claro que Louro do Pajeú está vivo. Não numa fotografia na parede, mas numa geração presente que fazendo sua parte aumenta o todo onde se alimentou e serve a mesa para os que virão.

5. CRONOGRAMA, ACERTOS E DESENCONTROS

Antes de tudo, é preciso agradecer aos dois companheiros que tive nessa jornada, além do meu orientador. Diante da natureza do produto que dimensionei dois profissionais, a princípio, se fizeram necessários. Um historiador, pesquisador, com alguma experiência em cultura popular e um profissional da informática que ajudasse na construção do protótipo. Para minha alegria, na minha lista de amigos eu tinha os dois, e quero deixar claro que até este momento ambos trabalharam com todo prazer e nenhuma remuneração, falta que faço questão de preencher em breve, com o desenrolar da nossa parceria. Eduardo Neto e Rafael Lira, muito obrigado. O primeiro, um historiador que tem no currículo, entre muitas coisas, uma grande e respeitosa pesquisa sobre o pífano em Pernambuco, junto com a produtora Página 21. O segundo, um homem que por trás dos fios e das placas guarda sensibilidade e empatia pela cultura do nosso povo. Dois grandes parceiros.

Entretanto, a conciliação de três agendas, que significam três famílias, três trabalhos, três humores, três mundos de circunstâncias, muitas vezes dificultou nossos encontros. Muita coisa pode ser resolvida pela tecnologia e foi, mas muita coisa, pelo menos no meu processo de criação e trabalho, exige pele e calor. Eduardo, além de pesquisador, é diretor audiovisual bem atuante em Pernambuco, Rafael atende a publicidade de grandes empresas e viaja toda semana pelo país, eu tenho minha agenda de recitais, palestras e apresentações musicais que me fazem viajar também, pelo menos uma vez por mês, enfim, não nos encontramos como queríamos, mas sempre que foi possível estivemos juntos. A questão financeira também atrasou bastante. Na verdade, nos limita até hoje. A compra de aparelhos necessários, o transporte gasto na produção, diárias de profissionais de informática, a impossibilidade de formar uma equipe apenas para isso, tendo que dividir os realizadores com os outros projetos da SerDigital, enfim, questões que muitas vezes adiaram realizações e conclusões de etapas, pelo simples fato de dependerem de dinheiro e não coincidirem com a melhor condição.

Com essas potencialidades e essas limitações partimos para as decisões. Resolvemos entregar parte de um protótipo, visto que a impossibilidade financeira nos condiciona e que a universidade exige, para efeito de aprovação, apenas parte do sistema terminado, podendo o restante ser narrado e detalhado em projeções. Assim

sendo, a parte da memória será entregue, com o material colhido dentro do prazo estabelecido, como efeito de controle da pesquisa e cuidado com tempo que se tinha, e a parte da cena contemporânea será realizada depois do planejamento e da execução de um plano de promoção e patrocínio, com empresas e instituições já parceiras do Instituto Lourival Batista. É importante lembrar que mesmo quando terminado, o produto terá natureza aberta, sempre em construção. Ou seja, ele nunca estará terminado, nem no modelo nem no conteúdo, sendo sempre possível a adição de informações e arquivos e o aperfeiçoamento da ferramenta de acesso e navegação.

A primeira etapa da pesquisa histórica foi realizada sem grandes dificuldades. Em várias das instituições inicialmente pensadas foram encontrados registros sobre a vida e obra de Louro do Pajeú. Em muitos suportes, em épocas diferentes, por múltiplos veículos de comunicação e com diversas abordagens, o que deixou a pesquisa rica em uma primeira investida, e já foi volume suficiente para trabalharmos o protótipo desejado para a conclusão do curso. Limitações naturais aconteceram, mas que em nada comprometem a riqueza do material já catalogado e sistematizado. Mais detalhes da pesquisa histórica estão no relatório feito pelo pesquisador em anexo deste trabalho. Os resultados da primeira fase da pesquisa são 117 matérias de alguns jornais do país, com a presença marcante do *Diário de Pernambuco*, e sete números da revista *O Cruzeiro*, que representam juntos uma hemeroteca expressiva. Três dissertações (*De pés-de-parede a festivais: um estudo de caso sobre o repente nordestino na grande São Paulo*, de Gustavo Magalhães Lopes, *A poética do improviso: prática e habilidade do repente nordestino*, de João Miguel Manzolillo, e *Entre a feira e o teatro. A dinâmica dos repentistas em Pernambuco (1900-1948)*, de Cícero Renan Nascimento Filgueira), um artigo científico (*Cantoria de viola: expressão de alegria e esperança do povo nordestino*, de José Maria Tenório Rocha) e quatro livros de escrita livre (*Louro do Pajeú, o rei dos trocadilhos*, de Aleixo Leite Filho, *Lourival Batista Patriota*, de Ivo Mascena Veras, *Um certo Louro do Pajeú*, de Alberto da Cunha Melo, e *O rei me disse fica, eu disse não*, de Maria Helena Marinho, Marcos Nunes da Costa e Raimundo Patriota. Dois discos LPs em vinil (*Cantador, verso e viola: violeiros do Pajeú*, Rozemblit, 1973, e *Música popular do Nordeste*, Discos Marcus Pereira, 1973), que representam outros que virão, como o *Pinto do Monteiro – vida, poesia e verdade*, conteúdo pertencente à Fundação Joaquin Nabuco, já

solicitado por nós, mas ainda não enviado ao nosso acervo. Cinco documentários, que são *Bom dia, Poeta!* (2015) e *Rio Feiticeiro* (2019), de Alexandre Alencar, *O Silêncio da Noite É que Tem Sido Testemunha das Minhas Amarguras* (2018), de Petrônio Lorena, *Saudade* (2018), de Paulo Caldas e *Não Tem Só Mandacaru* (2016), de Tauana Uchoa, e onze vídeos caseiros com a presença do poeta. Um programa especial da Rede Globo (*Causos e cantos – 100 anos de Louro do Pajeú*), gravado em 2015. Quadros e esculturas da figura de Louro, cordéis em sua homenagem, placas, condecorações, bengalas, cartas, manuscritos, violas, fotografias e livros de sua biblioteca, itens que já estavam guardados fisicamente na sede do Instituto em São José do Egito, também se integrarão ao acervo e ao protótipo da plataforma.

Com os conteúdos conseguidos, a primeira sessão da plataforma (*Louro do Pajeú*) tem, a princípio, os seguintes ícones: *Louro*, com elementos biográficos; *Fotografias*, divididas nas categorias Louro em casa, Andanças, recitais e cantorias, Louro só, Imprensa e comunicação e Amigos e lembranças; *Áudios*, com suas participações em LPs e cantorias gravadas domesticamente; *Louro na imprensa*, com todos os formatos de notícia; *Filmes*, entre produções profissionais e vídeos caseiros; *Louros*, com homenagens feitas ao poeta, entre poemas, músicas, esculturas, quadros e publicações; *Estudos*, com as produções científicas que o citam; *Festa de Louro*, com as ações e a memória da festa; *Instituto Lourival Batista*, com uma visita virtual guiada pela sede e outros elementos, e por fim os contatos da instituição. A partir desses elementos é que serão feitas as primeiras indexações para efeito de organização do acervo e sistematização para a pesquisa. Esses serão os elementos entregues nesta primeira parte de produto. Em preto e branco, para reforçar plasticamente seu caráter documental e histórico. Os já mencionados *PoemAgora*, *PegandonaDeixa* e *FalaPoeta*, que representam a ideia de uma rede social dentro da plataforma, por demandarem um aporte financeiro maior ficarão para a segunda fase de execução do projeto. Essa será colorida, com outras fontes e referências estéticas, provocando um efeito no usuário que o transportará de lugar de observação, mas o deixará no mesmo território discursivo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em palavras conclusivas eu diria que, apesar do projeto ainda não estar em condições de ser completamente executado, o trabalho realizado me parece coerente e guarda pertinência entre o estudo e o prático. Os artigos sobre a força comunicativa da poesia popular e sobre as novas formas de acervo na era digital desembocam numa plataforma digital poética que se comunica através do acervo e da obra de um cantador.

Mais do que isto, mais que um mestrado, este é o projeto da minha vida. O Instituto Lourival Batista é uma construção coletiva da minha família, do meu ofício, dos meus companheiros e companheiras de produção poética no Sertão do Pajeú. Este site, ou plataforma, ou qualquer nome que possua, é a tentativa da materialização de uma realidade que nos alimenta, tanto emocionalmente, porque se transforma em matéria-prima pra a composição e a escrita, como fisicamente, porque é a grande força econômica que movimenta o mercado local e atrai desenvolvimento para a região, através da conexão entra um grande nome da nossa memória, Louro do Pajeú, e os realizadores contemporâneos dessa história de mais de dois séculos.

Ter feito uma parte me deixou feliz e me fez sentir que podemos. Não ter conseguido fazer outra, me instiga e desafia para colocar em prática o modelo plural de cooperação e troca de saberes e potenciais que rege o mundo criativo e as indústrias que nascem do talento e da arte, especialmente no mundo das tecnologias digitais. É este por fazer desafiador e a dimensão que Lourival Batista tem na minha existência que me farão levar adiante, junto com tantos colaboradores, a missão de ver a poesia fazer da vida um lugar melhor para se passar por esta aventura terrestre.

Os equívocos possíveis serão combatidos com a dosagem certa na mistura de tecnologia e conteúdo e os acertos serão potencializados pelo alcance e pela abrangência das ferramentas digitais da própria plataforma e do ciberespaço. O modelo de gestão do produto será aperfeiçoado a cada experiência, tomando entidades similares (Instituto Miguel Arraes e Instituto Osman Lins, por exemplo) como referência e os objetivos podem aumentar e diversificar diante do desenvolvimento da plataforma. Terrenos ainda não imaginados neste trabalho, como a elaboração de games e cursos à distância, podem a vir a ser o primeiro desafio depois da etapa acadêmica do produto.

A pesquisa não só continuará como tende a ser cada vez mais específica e apurada, diante do acúmulo de conteúdos e abordagens que esperamos que se processe com o desenvolvimento da plataforma e as ferramentas de inserção da nova cena poética também serão aprofundadas ininterruptamente, já que sempre surgirão poetas e formas novas de fazer e viver a poesia.

Esperamos que a plataforma seja realmente um lugar e uma fonte com credibilidade e legitimidade, em tempos de fakenews e hiperinflação informativa, para a pesquisa e/ou para o deleite. Para aquela, de forma organizada e pensada segundo as possibilidades digitais e os novos aspectos do conceito de acervo, e para este, com a linguagem da poesia popular fazendo folkcomunicação dentro do mundo das indústrias criativas.

REFERÊNCIAS

- ALCEU VALENÇA. **Cavalo de Pau**. Rio de Janeiro. Ariola, 1982.
- AMÂNCIO, Geraldo. **De Repente Cantoria**. Fortaleza-CE: Premium, 2013.
- AMARAL, Suely. **Teoria da Comunicação, Emissor-mensagem-receptor**. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/teoria-da-comunicacao-emissor-mensagem-e-receptor.htm> Acesso em 20 de agosto de 2019 10:47h
- AMPHILO, Maria Isabel. **Folkcomunicação: por uma teoria da comunicação cultural**. 2011. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/AUM/article/view/4740/4025> Acesso em 20 de agosto de 2019 9h
- _____. **A Indústria Cultural e a Folkmídia**. Disponível em: <https://www.revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/492/318> Acesso em 27 de agosto de 2019 10:01h
- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação – a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.
- BENDASSOLLI, Pedro F.; WOOD JR., Thomaz; KIRCHBAUM, Charles; PINA e CUNHA, Miguel. Indústrias criativas: definição, limites e possibilidades, **Revista de Economia e Administração – RAE**, jan./mar., n. 1, v. 49, São Paulo, 2009a. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v49n1/v49n1a03.pdf>>.
- BESSI, Vânia Gisele; **Economia Criativa e Gestão da Criatividade: O Processo Criativo nas Comunidades de Prática**. In: **Revista Temática** v. 11, 4-6 (2015); Junho- Artigos.
- BORDINI, Maria da Glória. Acervos Literários e Universo Digital: Conexões Abertas. In: ANTUNES, Benedito (Org.). **Memória, Literatura e Tecnologia**. São Paulo-SP: Cultura Acadêmica, 2005. 113 p. 37-50.
- BOURDIEU, Pierre. O mercado de bens simbólicos. In: **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo, Perspectiva, 2005, pp. 99-181
- CAMPOS, Antônio.; CORDEIRO, Cláudia. (Orgs.). **Pernambuco, terra da poesia**. Recife-PE: Carpe Diem, 2005.
- CARVALHO, Juliano; CARVALHO, Angela. Diversidade Cultural na pauta das Indústrias Criativas no Brasil. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. Manaus, 2013. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1540-1.pdf>>.
- CARVALHO, Vânia Carneiro de.; LIMA, Solange Ferraz de. Banco de Imagens: do consumo ao aprendizado. In: ANTUNES, Benedito (Org.). **Memória, Literatura e Tecnologia**. São Paulo-SP: Cultura Acadêmica, 2005. 113 p. 97-108.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura Oral no Brasil**. São Paulo: Global, 2006.
- CASTRO, Simone Oliveira de. **Memórias de cantadores: sertão, dom e ambiente social**. Disponível em:

http://www.sul2013.historiaoral.org.br/resources/anais/2/1263658923_ARQUIVO_MEMORIASDECANTADORES-ARTIGOCOMPLETO.pdf Acesso em 10 de fevereiro de 2020.

CAVALCANTI, Carlos Alberto. **A Atualidade da Literatura de Cordel**. Disponível em: <http://efeito-colateral.blogspot.com.br/2008/01/so-jos-do-egito-capital-nordestinos.html>. Acesso em 07/12/19

COSTA, Célia Maria Leite. As Novas Tecnologias e os Arquivos Pessoais: a experiência do CPDOC. In: ANTUNES, Benedito (Org.). **Memória, Literatura e Tecnologia**. São Paulo-SP: Cultura Acadêmica, 2005. 113 p. 73-83.

COSTA, Marcos.; MARINHO, Maria Helena.; PATRIOTA, Raimundo. **O rei me disse fica, eu disse não. 100 repentes de Lourival Batista**. Recife-PE: Bagaço, 2015.

COSTA, Terzinha. **São José do Egito. Musa do Pajeú**. Recife-PE:AEN,1985

DEBS, Silvie. Cinema e Cordel: idas e vindas entre a imagem e a letra. In: DEBS, Silvie. **Cinema e Cordel: jogo de espelhos**. Fortaleza-CE: Interarte Editora, 2014. 256 p. 17-28.

CURADO, Adriano. **Teorias da Comunicação**. Disponível em: <https://conhecimentocientifico.r7.com/teoria-da-comunicacao/> Acesso em 20 de agosto 10:52

DJAVAN. **Coisa de Acender**. Rio de Janeiro. Impressão Digital, 1992.

FAGNER, ZÉ RAMALHO. **Fagner e Zé Ramalho ao vivo**. Rio de Janeiro. Sony Music, 2014.

FERNANDES, Mariana; FALCHETTO, Giovanna; VIEIRA, Helena; NOGUEIRA, Rafael; DE CARVALHO, Ângela Maria. **Folkcomunicação: Análise Das Influências Do Conceito Desde Sua Gênese Até A Contemporaneidade 2013**. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-1592-1.pdf> Acesso em 20 de agosto de 2019 8:38h

FERRAZ LIMA, Carmen; LUCHT, Janine; SOUZA, Maria Isabel. **A primeira teoria da Comunicação genuinamente brasileira: o legado de Luiz Beltrão**. 2007. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/5o-encontro-2007-1/A%20primeira%20teoria%20da%20Comunicacao.pdf> Acesso em 20 de agosto de 2019 10:05h

GOMES, Sandra Lúcia Rebel. Bibliotecas Virtuais: Principais ações para sua implementação e manutenção. In: ANTUNES, Benedito (Org.). **Memória, Literatura e Tecnologia**. São Paulo-SP: Cultura Acadêmica, 2005. 113 p. 61-71.

HOWKINS, John, 2013. **Economia Criativa: Como Ganhar Dinheiro com Ideias Criativas**. São Paulo: M. Books, 2013.

JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Cultura da Conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável**. São Paulo: Aleph, 2014.

_____. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Editora Aleph, 2009.

LAJOLO, Marisa. Do Intertexto ao Hipertexto: As paisagens da travessia. In: ANTUNES, Benedito (Org.). **Memória, Literatura e Tecnologia**. São Paulo-SP: Cultura Acadêmica, 2005. 113 p. 27-36.

LEITE FILHO, Aleixo. **Louro do Pajeú. O Rei dos Trocadilhos**. Recife-PE:Edições Decisão. 1982

LEON, Mônica Ponce de. Arquivo de Imagem: TV Cultura de São Paulo. In: ANTUNES, Benedito (Org.). **Memória, Literatura e Tecnologia**. São Paulo-SP: Cultura Acadêmica, 2005. 113 p. 109-113.

LIMA, Antônio José de. **Legado Filosófico de Poetas e Repentistas Semianalfabetos** – Recife-PE: Bagaço, 2018.

LINHARES, Francisco.; BATISTA, Otacílio. (Orgs.). **Antologia Ilustrada dos Cantadores**. 3ª edição. João Pessoa-PB: Editora da UFPB, 2013.

LUCENA FILHO, Severivo Alves; BEZERRA DA SILVA, Maria Luciana. **O cordel está na moda: a influência folkcomunicação nas criações da moda contemporânea**. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/fotos/PDF/cordel.pdf> Acesso em 28 de fevereiro de 2020.

MATOS, Cremilda Aquino de.; RAFAEL, Ésio.; SILVA, Isabel Maria Martins da. (orgs.) **Antologia Didática de Poetas Pernambucanos**. Recife-PE: Governo de Pernambuco – Secretaria de Educação, 1988.

MATTES, Raquel Naschenveng. Informática Documentária. In: ANTUNES, Benedito (Org.). **Memória, Literatura e Tecnologia**. São Paulo-SP: Cultura Acadêmica, 2005. 113 p. 51-60.

MELO, Alberto da Cunha. **Um Certo Louro do Pajeú**. Natal-RN: EdUFRN, 2001.

MENESES, Verônica Dantas.; FERRAZ, Maria Eduarda Campos de Sá. **Redescobrimo a Literatura de Cordel: memória, informação, tecnologia e arte na contemporaneidade**. Disponível em: <https://doity.com.br/anais/folkcom2018/trabalho/49026>. Acesso em 22/01/19.

NASCIMENTO, Antonio Marinho do. **Nascimento**. Recife-PE:Bagaço, 2003

OTACÍLIO BATISTA, PEDRO BANDEIRA. **Apelo ao Papa**. São Paulo. Chantecler, 1980. 1 disco sonoro.

OLIVEIRA, Gevan. **Teorias da Comunicação – resumo com ilustrações**. Disponível em: <https://pautar.com.br/teorias-da-comunicacao-resumo-com-ilustracoes/> Acesso em 26 de agosto de 2019 13:58h

PORTO, Gabriella. **Teorias da comunicação**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/comunicacao/teorias-da-comunicacao/> Acesso em 23 de agosto 16:57h

RAFAEL, Jonatan. **O Conhecimento por Simulação: o Processo de Imaginação auxiliado por computador**. Disponível em: <http://suigeneris-br.blogspot.com/2011/09/o-conhecimento-por-simulacao-o-processo.html>. Acesso em 14/03/19

ROCHA, José Cláudio. [Desafios aos marcos legais no Brasil: a economia e as indústrias criativas como polo de desenvolvimento humano, econômico, social e sustentável](#). **Revista Jus Navigandi**, ISSN 1518-4862, Teresina, [ano 19, n. 3896, 2 mar. 2014](#). Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/26514>>.

SOARES, Jeaine Cardoso. Folkcomunicação / Folkpropaganda: Especial Forma de Divulgação da Cultura Popular. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0639-1.pdf> acesso em 10 de março de 2020 21h

SANTOS, Alckmar Luiz dos. Saber o/no/do Ciberespaço. In: ANTUNES, Benedito (Org.). **Memória, Literatura e Tecnologia**. São Paulo-SP: Cultura Acadêmica, 2005. 113 p. 9-26.

TESSITORE, Viviane. A Informática como ferramenta do arquivista: construção e difusão de instrumentos de pesquisa em meio eletrônico. In: ANTUNES, Benedito (Org.). **Memória, Literatura e Tecnologia**. São Paulo-SP: Cultura Acadêmica, 2005. 113 p. 85-96.

TAVARES, Braulio. **Arte e Ciência da Cantoria de Viola – Vol. 1 – Cantoria: regras e estilos**. Recife: Bagaço, 2016.

VASCONCELOS, José Rabelo de. **O Reino dos Cantadores ou São José do Egito etc, coisa e tal**. 2ª ed. revista e ampliada. São José do Egito-PE: ed. do autor, 2014.

VERAS, Ivo Mascena. **Antônio Marinho do Nascimento: o percussor dos poetas de São José do Egito – história de uma vida**. Recife-PE: Bagaço, 2007.

_____. **Lourival Batista Patriota**. Recife-PE: CEPE, 2004.

WILSON, Luís. **Roteiro de Velhos Cantadores e Poetas Populares do Sertão**. Recife-PE: Centro de Estudos de História Municipal, 1986.

ZÉ RAMALHO. **Décimas de um Cantador**. Rio de Janeiro. Epic/CBS, 1987.

ANEXOS

ANEXO 1 - RELATÓRIO DA PESQUISA HISTÓRICA - EDUARDO MONTEIRO NETO

É muito triste ser pobre

Pra mim é uma mal perene

Trocando o "p" pelo "n"

É muito alegre ser nobre

Sendo pelo "c" é cobre

Cobre figurado é ouro

Botando o "t" fica touro

Como a carne e vendo a pele

O "T" sem o traço é "L"

Termino só sendo "Louro"¹

IMPRESSÕES HISTORIOGRÁFICAS DA PESQUISA

NOTAS SOBRE O PESQUISADOR

Formado pela Universidade de Pernambuco, Eduardo dedica-se há mais de uma década ao ofício de pesquisador – alternando-se entre projetos voltados ao audiovisual e a pesquisa e mapeamento das bandas de pífano em Pernambuco – empreitada feita sob auspícios do IPHAN e cuja meta é, além de mapear as bandas ativas e extintas no estado, oferecer subsídios técnicos e historiográficos para que as bandas de pífano sejam reconhecidas como patrimônio imaterial brasileiro.

¹ Poema de Lourival Batista Patriota, o inigualável Louro do Pajeú.

Notas sobre a pesquisa

As tentativas de descrever acontecimentos históricos baseiam-se em narrativas, versões - ditas, ouvidas e acreditadas ao gosto do narrador e do interlocutor. Fala-se do passado sempre sob o prisma do tempo presente; ao longo do levantamento sobre a vida e obra de um expoente como Louro do Pajeú, bem como qualquer grande expoente a altura dele, há versões conflitantes que variam de narrador e ocasião, achar uma verdade única e inequívoca jamais foi e nem será nossa intensão – mais importante que isso é encontrarmos e contextualizarmos essas versões. Isso é lugar comum em se tratando de assuntos como: 1) As versões ‘originais’ das poesias e as suas alterações ao longo dos tempos 2) A autoria dos versos 3) A época em que se fez ou disse algo.

Ao longo dessa empreitada, o diálogo com indivíduos e grupos sociais pouco documentados e relatados em fontes tradicionais trouxe à tona a importância da oralidade na transmissão da cultura e identidade. Essa constatação levou-o ao aprofundamento na metodologia e técnica da História Oral – no afã de fazer história através do contato direto da fonte histórica e, sobretudo, ter subterfúgio para afirmar ou refutar as escassas informações encontradas em hemerotecas, documentos oficiais e iconografias.

Toda essa construção teórico metodológica desenvolvida ao longo dos anos foi salutar na elaboração e desenvolvimento do plano de pesquisa historiográfica voltado a Lourival Batistas e os aspectos socioculturais a ele interligados. Visto que a tradição da narrativa oral de poetas (e) cantadores do vale do Pajeú é conhecida largamente – com histórias sobre pelejas, pés de parede, motes e cantorias que atravessam gerações.

Explicada a premissa teórica, valendo salientar também a vasta colaboração de expoentes como Mário de Andrade (em suas pesquisas folclóricas no Nordeste do início de século XX), Durval Muniz de Albuquerque (pelos seus estudos sobre a ‘invenção do Nordeste’ e o fazer historiográfico), bem como os incontáveis relatos, artigos e entrevistas de Bráulio Tavares (poeta, dramaturgo, compositor e uma sumidade no que tange a cultura popular do Brasil) – deu-se a hora da procura por fontes escritas e, principalmente, orais sobre a vida e obra de Louro.

A acesso ao Instituto Lourival Batista e sua família foi um facilitador na coleta de fontes e dados biográficos do poeta – daí surgiu a grata surpresa de encontrarmos material audiovisual inédito ao grande público, gravações em VHS de celebrações familiares onde Lourival e outros parceiros improvisam vários motes. Mesmo as citações em matérias de jornal e artigos científicos encontram diversas incongruências em relação a narrativa familiar – tornando o trabalho historiográfico em si a montagem de um imenso quebra cabeças cujas peças necessariamente não foram produzidas com a mesma fôrma e material.

Graças a internet pudemos reunir um compilado de publicações em que Lourival aparece ou é citado: uma robusta hemeroteca, reunida graças ao esforço de digitalização de periódicos liderado pela Biblioteca Nacional, que nos proporcionou a possibilidade de traçarmos linhas temporais em que a carreira de Lourival e a própria importância da cantoria na mídia impressa brasileira ao longo do século XX possa ser mensurada e analisada; arquivos fonográficos, como LPs, entrevistas e cantorias de pé de parede, gravadas de forma amadora; também documentários de célebres realizadores - que fizeram filmes cuja temática era essencialmente legitimar o papel da cantoria como tradição cultural nacional, ao passo que colocam a figura de Lourival como participante e artífice dessa peleja por reconhecimento para além das fronteiras do Sertão do Pajeú.

Poder colocar num só sítio essas fontes e informações coletadas nos mais diversos meios de acesso será de grande ajuda a pesquisadores, poetas e qualquer indivíduo que se preze a amar o improvisado e, particularmente, o legado dos grandes poetas do Pajeú.

No que tange a construção do site, o papel dessa pesquisa foi justamente o levantamento de material existente e acessível referente a Lourival Batista e seu legado: os supracitados arquivos fonográficos, iconográficos, audiovisuais e a hemeroteca. A partir dessas fontes, a contribuição se deu na construção paralela de narrativas – sendo elas a memória familiar e local, na figura de Antônio Marinho sendo o norteador de nossa busca; os documentos da hemeroteca, bibliografia e iconografia, que nos auxiliaram a levantar o discurso oficial acerca da carreira de Louro e a trajetória da cantoria na mídia nacional; por último a memória oral, lembrada através

das histórias familiares e locais, bem como extraídas de lembranças registradas nos pés de parede e cantorias de feiras registradas em vídeos caseiros e documentários.

Não houve intensão de formular alguma hipótese acerca da trajetória de Louro ou sua importância na cultura nacional como um todo – expandindo o termo ‘cultura’ para além do ‘popular’. O que pode ser contatado após esse levantamento de material é a inegável importância da figura de Lourival Batista - reconhecido como um dos patronos do repente brasileiro, o rei dos trocadilhos - para que entendamos melhor a construção de nossa identidade, sobretudo no que se refere a fama internacional da região do Sertão do Pajeú como um oásis de poesia.

Em resumo, uma hipótese alcançada seria: partindo da premissa de que o próprio fazer histórico é um fazer literário, para salientar que Louro, além de fazer arte, estava tecendo a própria história do Pajeú e, por conseguinte, do Brasil; catalogamos tudo o que foi possível de matérias jornalísticas, fonogramas, fotografias e acervo audiovisual público e privado. Isso feito, passamos ao período de análise e catalogação desse material – para futura apresentação em sítio de internet e exposição de parte desse acervo no Instituto Lourival Batista, em São José do Egito.

No que tange essa proximidade entre o fazer histórico desse trabalho e a economia criativa especificamente, podemos destacar a relevância histórico cultural do Instituto Lourival Batista e o que um site pode beneficiar o Instituto e o tema em si, cuja a existência em sede física e virtual, com acervo grande e atualizado o torna umas das melhores alternativas para o turismo cultural da região do Pajeú, somada a já consagrada Festa de Louro (realizada anualmente em frente ao Instituto).

As ferramentas anunciadas pelo site como forma de interação entre quem admira e quem faz poesia de improviso, em tempo real – como todo bom improviso requer – podem ser responsáveis por relevante expansão de público e alcance de abrangência do tema. Isso pode gerar interesse sobretudo no turismo cultural em São José do Egito e municípios vizinhos, sobretudo já havendo um evento anual já consolidado, voltado exclusivamente a salvaguarda da memória de Lourival Batista e da cantoria como um todo. O potencial turístico e econômico que esse tipo de empreitada consegue trazer é comprovado através de relatos da mídia ao longo de todo o século XX e XXI, bem como a importância que os encontros físicos entre

cantadores e entusiastas tem na manutenção desse ofício e na agregação de novos públicos.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

CADIEU, François [et al.]. **Como se faz a história: historiografia, método e pesquisa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. CHAUI, Marilena de S. Apresentação: Os Trabalhos da Memória. In: BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: lembranças de velhos. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 1987.

CRUZ, M. S. da. ASSIS, G. L. de. **A Teoria da Obra Histórica em Hayden White: entre a História e a Literatura**. Revista de História Comparada, volume 7, número 2, pp. 75-89 Rio de Janeiro, 2013.

FOUCAULT, M. **A ORDEM DO DISCURSO** – aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 20 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

KRAMER, L. S. **Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick LaCapra**. In: HUNT, Lynn. A nova história cultural. Trad. Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

MELO, Alberto da Cunha. **Um certo Louro do Pajeú**. 1º Ed. Rio Grande do Norte: editora UFRN, 2000.

WHITE, H. Meta-História: **A imaginação Histórica do século XIX**. Tradução de José Laurêncio de Melo. 2º Ed. São Paulo: Editora da USP, 2008.

_____. **Trópicos do Discurso: Ensaio sobre a Crítica da Cultura**. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. 2 ed. São Paulo, Editora da USP, 2001.

ANEXO 2 – TABELA – ARQUIVOS CATALOGADOS NA PESQUISA

NOME	MÍDIA	AUTOR	ANO	URL	FORMATO	STATUS
Literatura popular do Sertão (cantadores e repentistas no Pajeú)	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 196	1946	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_12/23326	Digital	Em ppt
Festa dos cantadores Dimas e Otacílio Batista no Santa Isabel	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 226	1946	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_12/26393	Digital	Em ppt
Primeiro congresso de Cantadores em Fortaleza	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 127	1947	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_12/26262	Digital	Em ppt
Congresso de cantadores no Recife	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 236	1948	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_12/30004	Digital	Em ppt
Primeiro congresso de cantadores no Recife	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 126	1948	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_12/31190	Digital	Em ppt
Primeiros congressos de cantadores no Recife	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 217	1948	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_12/31190	Digital	Em ppt
Congresso de cantadores do Nordeste	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 220	1948	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_12/31224	Digital	Em ppt
Cantadores do Nordeste	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 234	1948	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_12/31429	Digital	Em ppt
Congresso de cantadores em Fortaleza	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 236	1948	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_12/30004	Digital	Em ppt
Cantadores no Pajeú	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 251	1948	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_12/31658	Digital	Em ppt
Vão ao sul os "cantadores sertanejos"	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 036	1949	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_12/32923	Digital	Em ppt
Cantadores Nordestinos exibir-se-ão no Rio	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0033	1949	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_12/32887	Digital	Em ppt
Um cantor doente, por Ariano Suassuna	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0037	1949	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_12/32949	Digital	Em ppt
Cantadores do Nordeste na capital do país	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0052	1949	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_12/33153	Digital	Em ppt
Cantadores nordestinos no Rio	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0064	1949	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_12/33322	Digital	Em ppt
Cantadores nordestinos na capital do país	Jornal	Diário de Pernambuco - Edição 0088	1949	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_12/33639	Digital	Em ppt
Os cantadores no Santa Isabel, domingo	Jornal	Diário de Pernambuco - Edição 0092	1949	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_12/33728	Digital	Em ppt
Despedem-se os cantadores Sertanejos	Jornal	Diário de Pernambuco - Edição 0093	1949	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_12/33742	Digital	Em ppt
Os cantadores repentistas hoje no Santa Isabel	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0095	1949	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_12/33763	Digital	Em ppt
Cançãoiro Tanabense, por José Lins do Rego	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0112	1949	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_12/34012	Digital	Em ppt
Jardim e os cantadores, por José Lins do Rego	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0115	1949	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_12/34060	Digital	Em ppt
Fazem sucesso no Rio os cantadores nordestinos	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 124	1949	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_12/34176	Digital	Em ppt
Os poetas sertanejos, por José Lins do Rego	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0130	1949	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_12/34261	Digital	Em ppt
Os cantadores do sertão	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 189	1949	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_12/35171	Digital	Em ppt
Os irmãos Batista no Recife	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0285	1950	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_13/4536	Digital	Em ppt
Exibição de violeiros	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0016	1952	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_13/9409	Digital	Em ppt
Cantadores e repentistas	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0026	1952	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_13/9568	Digital	Em ppt
Das feiras de Monteiro ao Santa Isabel	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0122	1952	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_13/11071	Digital	Em ppt
Inauguração em Paulo Afonso das primeiras linhas de força	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 142	1952	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_13/11436	Digital	Em ppt
Sobre Louro e Pinto no Congresso de 5 de outubro de 1948	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0104	1953	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_13/15729	Digital	Em ppt
Nem professor, nem juiz. Sobre o formato das poesias	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0116	1953	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_13/15927	Digital	Em ppt
Os irmãos Batista (Dimas e Lourival), Anúncio	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0131	1953	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_13/16154	Digital	Em ppt
Festas de São João. Apresentação de Louro e Dimas	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0137	1953	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_13/16249	Digital	Em ppt
Festas de São João na casa do Jornalista	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0138	1953	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_13/16271	Digital	Em ppt
O velho e quem leva a queda. Sobre Pinto e Louro	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0149	1953	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_13/16462	Digital	Em ppt
A poesia rústica, quase selvagem do nordeste levada a São Paulo (...)	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0102	1954	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_13/20983	Digital	Em ppt
Noites Malucas, com Ademar Paiva	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0037	1956	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_13/25891	Digital	Em ppt
Poesia da gente e da terra sertaneja	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0065	1956	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_13/26462	Digital	Em ppt
Trovas e louvações	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0180	1958	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_13/50103	Digital	Em ppt
O "rei" dos trocadilhos mora em São José do Egito	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0171	1969	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_14/72192	Digital	Em ppt
Premiados vencedores do desafio do dia do floclore	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0197	1969	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_14/73140	Digital	Em ppt
Louval no Pátio de São Pedro	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0248	1970	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_15/8879	Digital	Em ppt
Na viola de improviso, uma rima e muito riso	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0093	1972	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_09/62157	Digital	Em ppt
Otacílio e Lourival Batista na feira de Caruaru	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0117	1973	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_15/41774	Digital	Em ppt
Primeiro LP gravado por Louro e cia "Mote em martelo agalopado"	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0146	1973	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_15/43024	Digital	Em ppt
Gravação do LP "Cantadores, versos e viola"	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0154	1973	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_15/43403	Digital	Em ppt
Il festa universitária em São José do Egito	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0181	1973	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_15/44510	Digital	Em ppt
Louro e Otacílio com a Orquestra Armorial no Rio e SP	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0221	1973	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_15/46138	Digital	Em ppt
Rozembla lança violeiros do Pajeú	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0226	1973	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_15/46377	Digital	Em ppt
Grande show em homenagem a Luiz Gonzaga, com Louro e outros	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0304	1973	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_15/49444	Digital	Em ppt
Conheça os repentistas que a Sorbonne quer ouvir	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0036	1974	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_09/104823	Digital	Em ppt
Galopes e sextilhas sacudiram Campina no embalo das violas	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0078	1974	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_15/54211	Digital	Em ppt
Estado concede Pensão aos melhores violeiros do Pajeú	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0226	1974	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_15/60098	Digital	Em ppt
Pensão para dois violeiros	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0238	1974	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_15/60572	Digital	Em ppt
Sobre as pensões para Louro e Otacílio Batista	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0245	1974	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_15/60836	Digital	Em ppt
Sobre o livro de Zé Limeira, o poeta do absurdo cita Louro	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0245	1974	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_15/74500	Digital	Em ppt
Citação de poesia de Louro sobre a pobreza	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0132	1975	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_15/70126	Digital	Em ppt
Cantador inventa versos e diz que são de Limeira	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0278	1975	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_15/75876	Digital	Em ppt
A mística da arte popular	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0239	1977	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_15/105566	Digital	Em ppt
De poeta e touco, cada um tem um pouco	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0334	1977	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_15/110132	Digital	Em ppt
Violeiros e repentistas fazem festival em Olinda	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0006	1978	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_15/111367	Digital	Em ppt
Vilanova e Feltosa, poesia em 1º lugar	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0016	1978	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_15/111883	Digital	Em ppt
Um mote, uma viola - é tudo que Lourival Batista quer	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0135	1978	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_15/117743	Digital	Em ppt
Louro do Pajeú, profissão: repentista	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0197	1978	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_15/120793	Digital	Em ppt
Zé Limeira. O fascinante cordel do absurdo no Nordeste polêmico	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0241	1978	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_09/190777	Digital	Em ppt
Violeiros cantam paz no Oriente Médio, a pilula, ansiedade, amor e liberdade	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0283	1978	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_09/174045	Digital	Em ppt
São José do Egito vai comemorar aniversário do rei dos trocadilhos	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0334	1978	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_15/127559	Digital	Em ppt
Poesias vão divulgar cultura popular no país	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0357	1978	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_15/127561	Digital	Em ppt
Começa viagem de poetas pelo Brasil	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0012	1979	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_15/129292	Digital	Em ppt
Repentistas pedirão em versos que Figueredo apoie a cultura popular	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0016	1979	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_15/129496	Digital	Em ppt
Entre faralós, deuses e pragas, nasce o "Reino dos cantadores".	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0212	1979	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_15/140035	Digital	Em ppt
Terra de cantadores	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0230	1979	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_15/140986	Digital	Em ppt
Patriota	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0305	1979	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_15/145283	Digital	Em ppt
Violeiro faz seu IV Congresso no Vale do Pajeú	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0004	1980	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_16/191	Digital	Em ppt
Violeiros encerram Congresso	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0009	1980	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_16/491	Digital	Em ppt
Repentistas iniciam torneio em Olinda	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0010	1980	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_16/552	Digital	Em ppt
Repentistas até hoje em Olinda	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0012	1980	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_16/658	Digital	Em ppt
Sertanejos famintos ameaçam saque armado	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0128	1980	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_16/7587	Digital	Em ppt
Fome, sede e desespero no Pajeú: é seca braba	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0130	1980	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_16/7607	Digital	Em ppt
Macié é cidadão de São José do Egito	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0119	1981	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_16/26352	Digital	Em ppt
Desafio do Dragão	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0174	1981	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_16/29222	Digital	Em ppt
Sepultamento de Caricão	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0184	1982	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_16/47358	Digital	Em ppt
Otacílio Batista, o poeta do Pajeú	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0198	1982	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_16/47982	Digital	Em ppt
No reino da cantoria	Jornal	Diário de Pernambuco - edição 0137	1983	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_16/61069	Digital	Em ppt
A tristeza do cantor: doente, Louro do Pajeú espera ajuda prometida por entidades	Diário de Pernambuco - 29/11/92		1992	Arquivo do Instituto Lourival Batista e APEPE	Digital	Em ppt
Desafio de violeiros nordestinos em São Paulo	Jornal	Diário da noite - edição 7512	1949	http://memoria.bn.br/DocReader/093351/15176	Digital	Em ppt

Estão em São Paulo os violeiros cantores	Jornal	Diário da noite - edição 7523	1949	http://memoria.bn.br/DocReader/093351/15324	Digital	Em ppt
Seestilhas	Jornal	O Jornal (RJ) - edição 10151	1953	http://memoria.bn.br/DocReader/110523_05/21915	Digital	Em ppt
Lourival Batista, repentista a jato	Jornal	Jornal dos Sports (RJ) - edição 11001	1965	http://memoria.bn.br/DocReader/112518_03/21414	Digital	Em ppt
Cantadores: do alpendre das fazendas às agências de turismo	Jornal	Jornal do Brasil (RJ) - edição 0173	1974	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_09/111531	Digital	Em ppt
Zé Limeira, o surrealismo em repente de viola	Jornal	Jornal do Brasil (RJ) - edição 0026	1976	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_09/139935	Digital	Em ppt
O Nordeste em verso e viola na cidade grande	Jornal	Jornal do Brasil (RJ) - edição 0033	1976	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_09/140345	Digital	Em ppt
Dois cantadores do planeta do repente	Jornal	Jornal do Brasil (RJ) - edição 0089	1979	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_09/182836	Digital	Em ppt
Ônibus dos violeiros vem aí, trazendo côco, ciranda e embolada	Jornal	Jornal do Brasil - edição 0287	1979	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_09/193199	Digital	Em ppt
“Gravar? Pra quem improvisa, tem que ter o ambiente, o cultivo, o calor	Jornal	Mov. A Cena brasileira (RJ) - ed. 0038	1975	http://memoria.bn.br/DocReader/318744/809	Digital	Em ppt
A grande cantoria. II edição do Torneio de Repentistas em Olinda	Jornal	Mov. A Cena brasileira (RJ) - edic. 0134	1978	http://memoria.bn.br/DocReader/318744/2736	Digital	Em ppt
Dilemas pelos bons de repente	Jornal	Mov. A Cena brasileira (RJ) - edic. 0187	1979	http://memoria.bn.br/DocReader/318744/4022	Digital	Em ppt
Cantadores do Nordeste	Revista	O Cruzeiro - edição 0029	1949	http://memoria.bn.br/DocReader/003581/97650	Digital	Em ppt
Cantadores do Nordeste	Revista	O Cruzeiro - edição 0029 p12	1949	http://memoria.bn.br/DocReader/003581/97682		
Cantadores do Nordeste	Revista	O Cruzeiro - edição 0029 p13	1949	http://memoria.bn.br/DocReader/003581/97683		
Cantadores do Nordeste	Revista	O Cruzeiro - edição 0029 p14	1949	http://memoria.bn.br/DocReader/003581/97684		
"Poesia, feijoada e viola", Louro e Otacilio em viagem a RJ e SP	Revista	O Cruzeiro - edição 0036	1949	http://memoria.bn.br/DocReader/003581/64955		
"Poesia, feijoada e viola", Louro e Otacilio em viagem a RJ e SP	Revista	O Cruzeiro - edição 036 p12	1949	http://memoria.bn.br/DocReader/003581/65004		
"Poesia, feijoada e viola", Louro e Otacilio em viagem a RJ e SP	Revista	O Cruzeiro - edição 0036 p13	1949	http://memoria.bn.br/DocReader/003581/64957		
Do pé de parede a festas: um estudo de caso sobre o repente nordestino	Dissertação	Gustavo Magalhães Lopes - UNICAMP	2001	repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270045/1/Lopes_GustavoMagalhaes_M.pdf	Digital	Salvo em HD
A poética do improviso: prática e habilidade no repente nordestino	Dissertação	João Miguel Manzolillo - UNB	2009	http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/A%20po%C3%A9tica%20do%20improvisio.pdf	Digital	Salvo em HD
Entre a feira e o teatro: a dinâmica dos repentistas em Pernambuco (190	Dissertação	Cícero Renan Nascimento - UFRPE	2017	www.tede2.ufpe.br/8050/tede2/_/Cicero%20Renan%20Nascimento%20Figueira.pdf	Digital	Salvo em HD
Lourival Batista Patrícia: um cantador entre o rural e o urbano	Artigo	Bruno G. Araújo & Mariana A. dos Reis - SE	2009	www.faciadadesenacpe.edu.br/riemcontro-de-ensino.../III...005_2009_ap_poster.pdf	Digital	Salvo em HD
Cantoria da Viola: expressão de alegria e esperança do povo brasileiro	Artigo	Prof. José Maria Tenório Rocha - UERN	SD	http://www.facul.unesco.org/bcc/oralidade_04_7_15-cantoria-de-viola.pdf	Digital	Salvo em HD
Um certo Louro do Pajeú	Livro	Alberto da Cunha Melo - UFRN	2000	https://www.livrariaunesp.com.br/produto/13826/um-certo-louro-pajeu	Impresso	Acervo ILB
Cantador verso e Viola: violeiros do Pajeú	LP	Otacílio, Louro e Clodomiro Paes - Rozembur	1973	https://www.discogs.com/Violeiros-do-Paje%C3%BA-Cantador-Verso-e-Viola/release/5674256	Físico	Acervo ILB
Música Popular do Nordeste	LP	Discos Marcus Pereira	1973	http://www.discosdebrasil.com.br/discosdebrasil/consulta/detalhe.php?id_Disco=DI03272	Físico	Acervo ILB
A cantoria. Lourival Batista e Severino Pinto.	Filme	Gerardo Sarno	69/70	https://www.thomasfarkas.com/filmes/fa-cantoria/	Digital	Link digital
Jornal do Sertão	Filme	Gerardo Sarno	69/70	https://www.thomasfarkas.com/filmes/jornal-do-sertao/	Digital	Link digital
Reliquia poética: Otacílio Batista e Lourival Batista	Filme	Arquivo familiar (youtube)	1987	https://www.youtube.com/watch?v=Lk108YH5gM	Digital	Link digital
Lourival, Otacílio e João	Filme	Arquivo familiar (youtube)	1987	https://www.youtube.com/watch?v=6THV6Mm4M88	Digital	Link digital
Louro e Zélo	Filme	Arquivo familiar (youtube)	SD	https://www.youtube.com/watch?v=157AwGfM5F	Digital	Link digital
Bráulio Tavares entrevista Zé de Cazusa sobre Louro para o filme Bom d	Filme	Alexandre Alencar	2016	Arquivo pessoal de Alexandre Alencar	Digital	Link digital
Causos e cantos Vale do Pajeú	Programa de TV	Globo NE	2015	http://redglobo.globo.com/globo Nordeste/noticia/2015/06/kausos-cantos-mostra-forca-do-cordel-e-do-re	Digital	Link digital
Fantástico (Marília Gabriela numa matéria sobre o aniversário de Louro de 60 anos	Programa de TV	Globo RJ	1975	Arquivo TV GLOBO	Digital	
Acervo familiar e do ILB	Artigos pessoais	-	-	-	-	-
Acervo FUNDAJ	vários	Vários	-	-	Digital	
NOME	MÍDIA	AUTOR	ANO	URL	FORMATO	STATUS